CINEARTE

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
EDUCA • ENSINA • DISTRAHE
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos doze livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
Contos da Mãe Preta, de Oswaldo Orico - No Mundo dos Bichos, de Carlos Manhães - Réco-Réco, Bolão e Azeitona, de Luiz Sá - Chiquinho d' O Tico-Tico, de Carlos Manhães - Quando o Céo se enche de Balões..., de Leonor Posada - Historias Maravilhosas, de Humberto de Campos - Minha Bábá, de J. Carlos - Zé Macaco e Faustina, de Alfredo Storni - Pandaréco, Parachoque e Viralata, de Max Yantok - Papae, de Joracy Camargo - Historias de Pae João, de Oswaldo Orico - Vôvô d' O Tico-Tico, de Carlos Manhães.
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d' O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
Pedidos á BIBLIOTHECA INFANTIL D'O TICO-TICO
RUA SACHET, 34 — RIO DE JANEIRO
CADA VOLUME
5$
Zé Macaco e Faustina
Pandareco, Parachoque e Viralata
Papae
Historias de Pae João
Vôvô d'O Tico Tico
Minha Babá
Historias Maravilhosas
Quando o Céo se enche de Balões...
Chiquinho d'O Tico-Tico
Réco-Réco, Bolão e Azeitona
No Mundo dos Bichos
Contos da Mãe Preta

Tambem no Mexico se protege a Industria Cinematographica

DO "MUNDO CINEMATOGRAPHICO" DO MEXICO:

"O Governo Federal, tomando em consideração a protecção que deve dar-se á industria cinematographica mexicana, resolveú, segundo consta, rebaixar o imposto de 10 % sobre a renda bruta dos Cinemas, que se cobra actualmente, para 5 % quando se exhibirem films mexicanos."

PALHAÇO (Rio) — São sempre interessantes suggestões e observações como as que o amigo nos enviou.

As "Futuras estréas" foram prejudicadas é verdade, pela sahida bimensal de CINEARTE.

Tambem a critica que transcreviamos andava apenas registrativa ou descriptiva como as de Gilberto Souto que assim as faz devido observação da nossa orientação, mas mais completa. Ellas voltarão, pois já andamos estudando uma fórma em que seja mais variada e completa.

Os concursos tambem vão voltar, se bem que sinceramente não nos seduza...

"Come up and see me some time...

Não se assuste tambem, porque terá sempre muita cousa sobre Cinema Brasileiro a ler e photographias não faltam.

A "enquete" era apenas uma "enquete" e julgamos que na primeira pagina estaria bem. O melhor director foi modesto sim, porque realmente deve saber quem venceu se bem que o seu nome esteja confundido com o de productor.

Quanto ás chronicas, somos tambem os que mais lamentamos a insubstituição do Dr. Mario Behring a quem, nós todos da redacção, muito devemos.

Existem "fans" com predilecções pelas secções que cita...

EDMUNDO P. (Bello Horizonte) — Sempre recebemos com praser todas as suggestões mas comprehende que temos que contentar a todos e permitta-me affirmar que as "futuras estréas" interessam, até muitissimo, á maioria. As allemãs têm admiradores. Quanto a critica é absolutamente *nossa* e CINEARTE *paga entrada em qualquer cinema,* sendo completamente independente.

As preferencias são dos leitores e você não é brasileiro?

BILL HAAR (Bahia) — Obrigado pelas noticias. Que adeanta publicarmos listas de endereço se os leitores continuam a perguntar esses endereços, como acontece quando os publicavamos? Até a proxima, "Bill". E felicidades no anno novo!

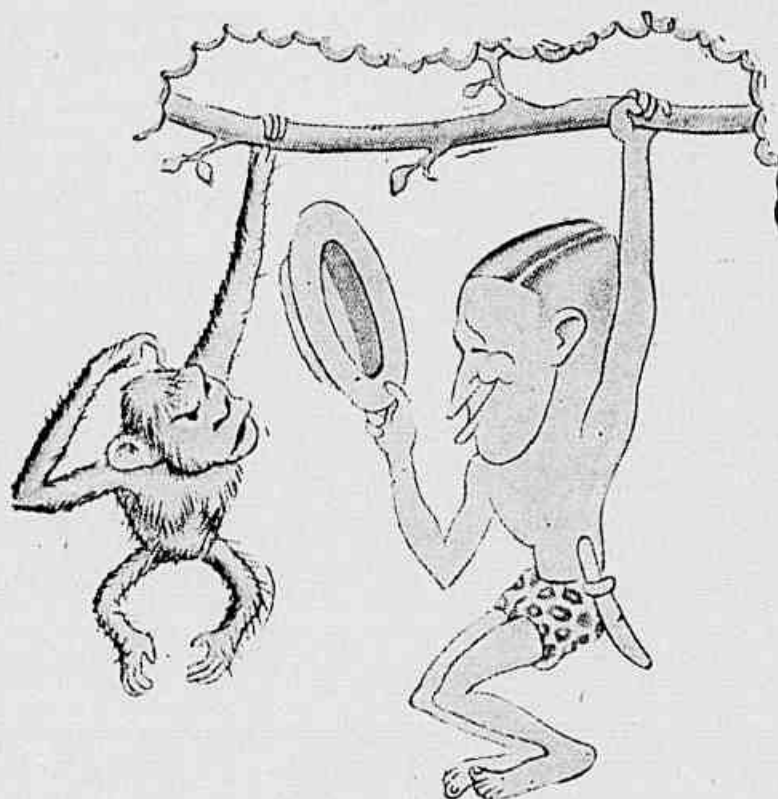
PERGUNTE-ME OUTRA

DAVID OLIVEIRA NAVARRO (Cachoeira) — Gonzaga pediu-me para responder a sua carta. Escreva para Lutz Ferrando & Cia., rua Ouvidor, 88 — ou — "Casa Lohner", Avenida Rio Branco, 135, pedindo catalogos e preços.

MARIA OLGA RODRIGUES (Rio) — Dou attenção, sim. No nº. *362* foi publicada a discripção. No nº. *368,* a critica. E nos numeros *374* e *361* varias das mais lindas scenas do film. Tambem sahiram publicadas nos numeros *350, 351, 352, 357, 359, 364, 366* e *367,* cousas deste film, inclusive "Popéa" em duas capas da revista.

Poderá adquirir estes numeros na gerencia, á rua Sachet, 34. A carta foi enviada para elle. Póde dirigir-sim, mas elle já entrevistou Gary, ha tempos e vae entrevistar breve Fredric. (Gilbert, esta leitora deseja entrevista com actores). Volte de novo, Maria. Você não é desinteressante, não... Tudo depende sempre de termos photos, mas temos publicados tambem retratos e artigos sobre elles.

Feliz anno novo!

Está vendo como gosto de você?

Se Chevalier fizesse o papel de Tarzan...

NOTLIM EMMORY (Bahia) — E' silencioso, apenas s y n chronisado. Ainda não se sabe ao certo, mas uma já está decidida. Deixou o Cinema, sim. Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. Todos agradecem. Bôas festas, "Notlim"!

ALLAN JOHN (Minas) — Muito interessante as paginas enviadas e agradeço muito.

Breve voltará a sahir com assiduidade. Continue a enviar as curiosidades, se puder, pois serão muito apreciadas. E feliz anno novo, "Allan"!

EUDOXIO PONTES (Petropolis) — No n. 345 sahiram varias photos della. Só respondo por aqui.

RUTH P. FERREIRA — Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. Só respondo por aqui, "Ruth".

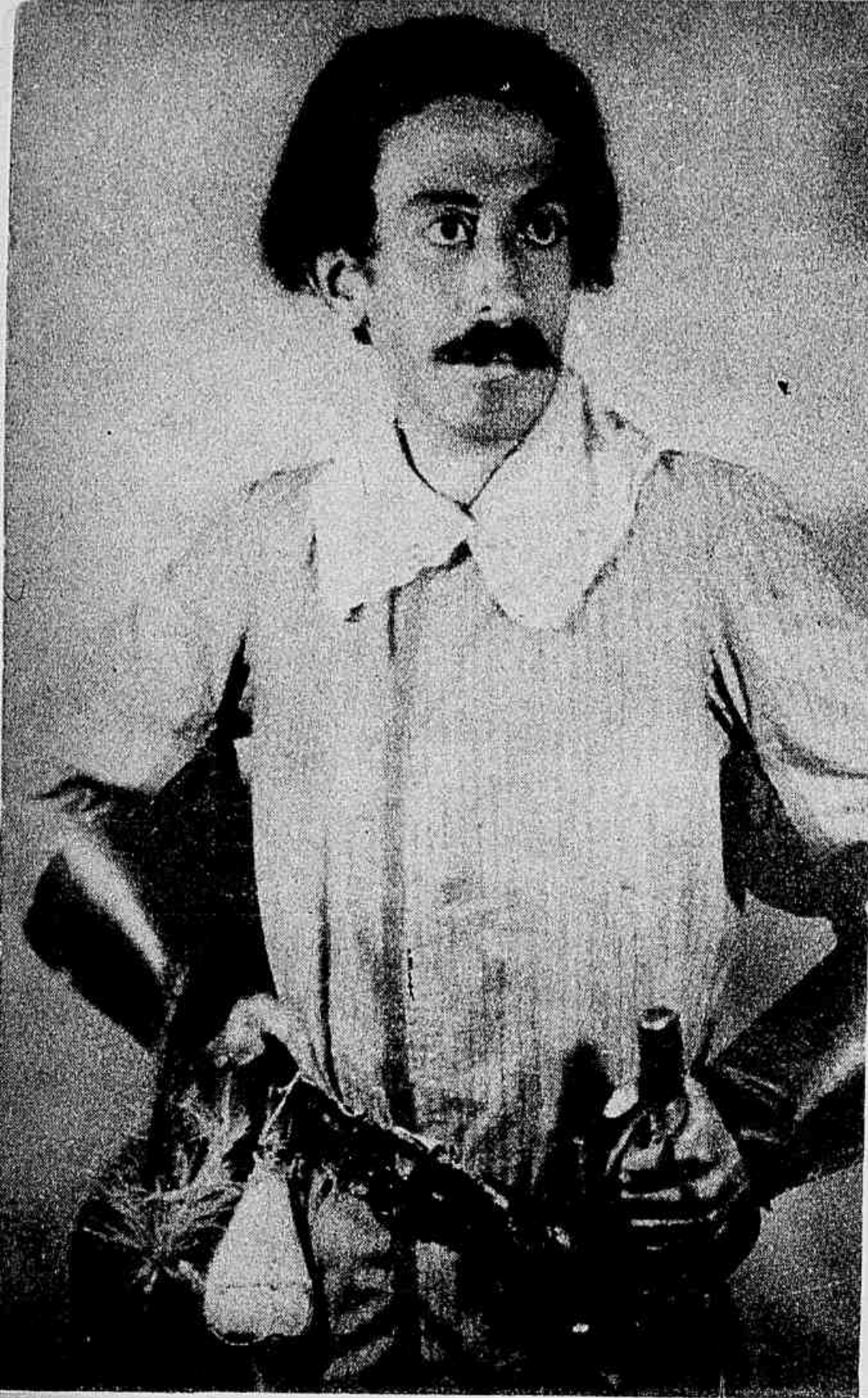
JORGE NORBERTO DA SILVA GAÇA (S. Joaquim) — Ainda não sei o preço, pois só sahirá no fim do anno.

FIM (S. Paulo) — Tenho recebido todas com praser. Elle vae responder pessoalmente, em tempo. Apreciei os recortes. Todos agradecem e retribuem as bôas festas. "Design for Livigu" já está prompta, com Gary, Miriam Hopkins e Fredric March e dizem que é mais um film notavel de Lubitsch, melhor do que o original. E até 1934... "Fim".

ZE'ZE' (Jacarehy) — Interessantissimos os commentarios technicos. Mas então você tem visto films brasileiros antigos, porque os ultimos já tem observado bem os pontos citados. Bôas festas, Zézé! O final do folhetim... tem "suspense"...

Cinema Brasileiro

Nobre Jocoso um dos comicos de "O Caçador de Diamantes".

Sergio Montemór, o galã do "Caçador de Diamantes".

O Sr. R. da "Noite" que nada sabe da verdadeira situação do Cinema Brasileiro e nem de Cinema mesmo pesca cousa alguma, já acha agora com a apresentação de simples jornal falado que temos grandes possibilidades. Que já não é aventura financiar um Film falado.

E agora, affirma que apenas é preciso não haver questiunculas, queixas inuteis, manifestação de xenophobia, etc.

E descobriu que para produzir Films, é preciso ter intelligencia.

Está melhorando. Antigamente achava que era preciso fazer uma porção de cousas. Que os actores não deviam andar na Avenida com pose.

(O chronista R. é pequenino assim...)

Que os Films deviam ser caracteristicos ou historicos e nós já fornecemos uma lista de Films brasileiros neste genero. Que era preciso ter historias. E nós apresentamos uma lista de Films brasileiros escriptos por Coelho Netto, José de Alencar e outros.

Outros dizem que os Films devem ser falados (ninguem sabia...) e que fora este apenas o successo de "Cousas nossas" e "Severa".

Não. Nem todos os Films falados serão successo.

"A canção de Lisboa" não o foi e assim muitos Films brasileiros. O que é preciso é fazer Cinema, sejam caracteristicos ou sociaes os entrechos. Ha muito affirmamos que os Films poderão ter até o "olfactotone", mas sempre dependerão do cerebro, de scenario, continuidade, linguagem Cinematographica. Cinema.

Nada de Films de "tiro", precisamos continuar a fazer Cinema porque os trechos que mais agradam nos Films estrangeiros, são aquelles em que usam a verdadeira linguagem Cinematographica, silenciosa quasi sempre...

Cinema não é revista bagunça do Rialto... O chronista H. P. do "Globo", agora acha que devemos fazer Films com o jogo do bicho, bahianas de doce etc., esquecendo-se que já houve Films brasileiros com tudo isso que não fizeram successo.

Dirá naturalmente que não foram bem feitos, mas é onde queremos chegar. Precisamos é fazer bem feitos, com technica, isso é o que todos tem tentado.

Bem feito, qualquer assumpto ou genero agradará...

Em todo o caso se explorassemos a philosophia dos sapatos ou da bengala de Carlito, num Film e o apresentassemos numa temporada official do Municipal... talvez recebessemos um conto de réis da Prefeitura...

Com Freud de Cascadura ou Pirandello de Maxambomba... precisamos é de Films bem feitos, com technica e linguagem Cinematographicas... E menos conversa fiada. Ganga Bruta, pondo de parte as difficuldades de Filmagem que não queremos nunca fazer valer, não foi um Film feliz e totalmente bem feito.

Mas mesmo o que ali está não é nenhum amador de box que consegue...

Na Russia sabem fazer Cinema e muito boa pasta tambem...

No proximo numero, alem de uma estatistica dos Films estrangeiros apresentados em nossas telas durante o anno passado, daremos uma lista completa dos Films brasileiros produzidos durante igual periodo, incluindo os jornaes, Films educativos, naturaes e de propaganda.

\+ + +

"Anguêra", da Lux-Film de Matto Grosso, continúa em Filmagem sob a direcção de Libero Luxardo.

\+ + +

A Radio Record de S. Paulo está preparando a Filmagem de uma producção, toda falada, gravada com a apparelhagem "Movietone" de Lustig e Kemeny que tambem tomarão conta da parte photographica.

Esses dous conhecidos e admiraveis operadores que constituem a Rex-Film fizeram uma fusão de negocios com Gilberto Rossi da Rossi-Film e estão produzindo um jornal falado que está sendo distribuido pela Paramount.

O primeiro numero do jornal da Rossi-Rex, já foi apresentado no Rio, mostrando com perfeição de som e photographia o que foi a chegada do Presidente Justo em S. Paulo.

\+ + +

"Ganga Bruta" foi exhibido com successo na Bahia, tendo passado nos Cinemas "Jandaia", "Gloria" e "Itapagipe".

\+ + +

Essa producção da Cinédia acaba de ser exhibida tambem com notavel exito de bilheteria em Pelotas, no Rio Grande do Sul, tendo agradado bastante.

Foi exhibida nos tres Cinemas da empresa Xavier & Santos — "Capitolio", "Apollo" e "Avenida" e é digna de um registro especial a excepcional propaganda que essa empresa fez para o conhecido Film brasileiro. Os Srs Xavier & Santos que vem cuidando com um carinho raro da exhibição de todos os nossos Films que vão ao Sul, mais uma vez tornaram-se credores da sympathia de *Cinearte* e não podemos passar sem enviar daqui os nossos louvores a esses exhibidores, que aliás foram, como se sabe, uns dos mais antigos productores brasileiros.

Foi talvez o maior successo de bilheteria registrado em todo o Brasil pela ultima producção da Cinédia.

Adolpho Stuber, Vice-Presidente da Eastman Kodak C., filho do actual Presidente Stuber que succedeu ao fallecido fundador George Eastman, A. S. Baltzer e E. Llerena, da Kodak do Brasil, em visita aos Studios da Cinedia.

\+ + +

Um tal Carlos F. Torres, moleque de recados de um productor prompto e mambembe de cartorio, continúa ainda discutir nos jornaes a nacionalidade das valvulas e dos fios dos apparelhos de som dos nossos Studios.

Talvez aqui estejam as taes questiunculas de que fala o chronista R.

Entre muitas, o tal Torres que já secundou até a iniciativa de apedrejamento de machinas que trabalham em empresas brasileiras e de um Cinema em Bello Horizonte que estava exhibindo um Film dos seus concurrentes, pergunta por um Film de Bidú Sayão que fôra feito e nunca apresentado.

Para melhores informações queira o moleque Torres dirigir-se ao productor do Film que é o Sr. Vital Ramos de Castro.

\+ + +

A Universal vae refilmar falado o "Golem", que a Ufa fez com Paul Wegener, operado por Karl Freund.

Na nova versão Boris Karloff fará o homem de barro e Freund dirigirá. Jack Pierce naturalmente vae fazer em Karloff um novo prodigio em "make-up".

\+ + +

Charles Bickford será o galã de Mae West no seu novo Film "It Ain't No Sin", da Paramount.

\+ + +

Elizabeth Allan foi incluida no elenco de "Men in White", de Myrna Loy e Clark Gable, da M. G.

\+ + +

Ronald Colman vae voltar a viver o "Amante de emoções" em "Bulldog Drummond Strikes Back", da T. Century.

SÃO PAULO no seculo XVII no tempo em que ousadas expedições varavam os nossos sertões, á caça de ouro. A arrancada das "bandeiras" no anno 1656, no "hinterland" a dentro, vencendo a floresta, o indio, as féras, a traição e a perfidia — para trazer um punhado de ouro na mão e na alma um sonho de conquista... ou a desillusão de uma derrota...

— —

No chafariz, ao tempo existente no Largo da Matriz, o joven fidalgo — D. Fernando — movido por compaixão, intervem em favor de um pobre escravo indio — Imbú — pertencente a D. Antonio de Barros, a quem um "capitão do matto" está maltratando cruelmente. Em meio a refrega, chega outro fidalgo — D. Luiz — que se prepara para partir, para o sertão á frente da sua "bandeira" e convida D. Fernando a juntar-se aos seus na expedição. Sangue de genuino "bandeirante" que tambem possue D. Fernando, este acceita o convite.

Na sua officina, o velho armeiro Mestre Garro acaba de preparar a espada que nesse dia offerecerá ao seu grande amigo, D. Fernando, em commemoração ao seu vigesimo anniversario. E emquanto D. Fernando está num idyllio com a sua amada, a encantadora Maria, que não é outra senão a linda filha do fidalgo proprietario do escravo que elle salvou da perversidade do capataz, o velho armeiro retira de um bahú um roteiro que o pae de Fernando deixou em suas mãos para ser entregue ao herdeiro de seu nome quando elle completasse vinte e um annos.

Entrementes, os paes de Maria ajustaram o casamento de sua filha com D. Luiz e o communicaram á menina, que se entristece com a noticia, sabendo que não poderá desposar o homem que o seu coração ama.

Num encontro anterior, D. Fernando havia pedido a Maria para que ella fosse a sua madrinha na cerimonia da benção das espadas que se vae celebrar antes da partida dos "bandeirantes". E Maria beijando-o, promettera baptisal-o e tambem que o esperaria de volta da expedição, da qual pretendia voltar rico o que lhe permittiria pedil-a em casamento ao pae.

Ao mesmo tempo, D. Fernando salva a vida de seu rival, uma noite, na taberna do Gallo, na occasião em que D. Luiz ia sendo victima da vingança de um bandoleiro — D. Ruy — que pretendia liquidar D. Luiz.

Chega o momento da benção das espadas dos "bandeirantes" e o pae de Maria oppõe-se a que ella cumpra a sua promessa a D. Fernando, exigindo-lhe que seja a madrinha de D. Luiz, que é o seu noivo, com grande desapontamento dos dois jovens namorados.

De volta a casa, D. Antonio faz vêr a sua filha que ella tem que esquecer D. Fernando, um pauperrimo e casar com D. Luiz, que é o unico que lhe poderá fazer a felicidade. E Maria, que não ama D. Luiz, vê-se obrigada a acceital-o como noivo.

Voltando a casa do Mestre Garro, D. Fernando recebe do armeiro o roteiro que seu pae deixou para

O CAÇADOR DE DIAMANTES

(*Film Brasileiro de VICTOR CAPELLARO*)

D. Fernando . . . . Sergio Montemór
Maria . . . . Corita Cunha
D. Luiz . . . . Francesco Scolamiéri
Imbú . . . . Reginaldo Calmon
Potujú . . . . Irene Rudner
José . . . . Nobre Jocoso
Pedro . . . . Elmo Clairfontes
Ruy . . . . Rubens Rocca
Mestre Garro . . . . Luiz Goffi
D. Antonio . . . . De Carlos.

— —

Photographia de Kemeny e Lustig.

— —

Direcção de VICTOR CAPELLARO.

elle, por isto que Mestre Garro antecipa um anno a promessa feita ao seu fallecido amigo. Mestre Garro justifica essa antecipação dizendo que D. Fernando necessita encontrar a fortuna o quanto antes para poder desposar Maria, uma vez que D. Antonio o achara indigno de casar com a filha, por ser pobre. E Mestre Garro dando o roteiro a D. Fernando diz-lhe que tal documento o guiará á Ilha dos Diamantes e o tornará riquissimo, com fortuna ainda maior do que aquella que o seu rival possue.

Mestre Garro tambem aconselha ao seu joven amigo desligar-se da "bandeira" de D. Luiz e organisar sua propria expedição, o que D. Fernando resolve fazer.

A fortuna assim acena, inesperadamente, a D Fernando.

Maria e D. Luiz...

O encontro inesperado com Potujú.

Guiado pela orientação de Mestre Garro, D. Fernando traça o plano que deverá seguir, buscando esconderijo na encruzilhada do rio, contra a gente de D. Antonio que o persegue.

Ao amanhecer, João e Pedro, velhos amigos de D. Fernando, vêm juntar-se a elle, assim como Imbú, o escravo que elle salvou da sanha do "capitão do matto" e a pequena "bandeira" de quatro homens apenas, partirá com destino á região indicada no mappa deixado por seu pae.

Mas antes de partir, D. Fernando vae despedir-se de Maria, sendo quasi victima de uma cilada de Ruy, que não o esquecera. Imbú, porém o salva. E Maria o enche de esperança e coragem.

Tambem D. Luiz vae despedir-se de Maria mas esta o recebe friamente, impassivel, sem a menor palavra de estimulo.

No dia seguinte, João e Pedro recolhem a bordo de sua canôa D. Fernando e Imbú e em breve eil-os chegados ao ponto de desembarque.

Emquanto isto, quasi simultaneamente, em meio de grandes festas, partem da cidade os "bandeirantes" de D. Luiz.

Os primeiros mezes de viagem são para estes, como para D. Fernando, cheios de imprevistos, perigos e privações, que elles vencem galhardamente. Não corresse nas suas veias o sangue brasileiro, heroico, audaz, destemido, capaz de enfrentar toda a sorte de adversidades!

O encontro de uma india — Potujú — pelos companheiros de D. Fernando, indica claramente a Imbú que não fica longe a zona habitada pelos homens de sua tribu, mas novos mezes se passam sem um clarão de esperança, até que certa noite refere Potujú que, no momento de ser encontrada, estava de viagem para o poente, onde haviam sido avistados homens brancos. D. Fernando então resolve seguir nessa direcção, confiante de que se lhe depare ali a fortuna a cuja conquista veiu ao sertão.

Dias passados, D. Luiz julga tambem ter encontrado a fortuna quando aprisiona dois indios, em cujos collares brilham o ouro e as pedras preciosas. Mas os prisioneiros nenhuma informação lhe fornecem que o possa guiar, e elle então vale-se de um estratagema para lhes fazer acreditar que é o Rei do Fogo, prompto a destruir-lhes as aldeias, se não o favorecerem com as indicações que precisa.

(*Termina no fim do numero*)

A HISTORIA ROMANTICA de

ADELE Rogers St. John, conhecida jornalista americana, escreveu sobre a personalidade de Gary Cooper o interessante artigo que publicamos a seguir.

Em quasi todos os detalhes de sua apparencia e caracter, Gary Cooper é a reproducção viva e completa de uma das maiores ficções do caracter americano — a do livro "The Virginian", de Owen Writer, que o Cinema já apresentou, com o proprio Gary (o Film foi "Agora ou Nunca", da Paramount).

Todas as vezes que leio esse livro, o que costumo fazer uma vez por anno, por ser o mesmo uma das melhores novellas americanas, parece-me ver Gary Cooper movendo-se entre as paginas da obra.

Elle é um dos homens mais silenciosos de Hollywood e a unica vez em que falou mais do que usualmente, foi quando pronunciou um discurso, deante do microphone do studio. Apesar disso, gosta de ouvir a prosa dos outros e é interessante vel-o apreciar a palestra alheia, assentando o seu corpo de seis pés e mais alguma cousa de altura, confortavelmente recurvado, si a occasião social o permitte.

Mas ha um assumpto de conversa no qual Gary torna-se falador de facto, e suas palavras sahem aos borbotões: pelo menos falará durante dez ou quinze minutos seguidos, o que é um "record" para elle. Esse assumpto é quando se fala sobre cavallos...

Descobri isso de maneira bem peculiar.

Ha uma certa joven em Hollywood que o admira muito. Aliás, a maior parte das moças em Hollywood, ou onde quer que seja, parece admiral-o, porém, como veremos mais adiante, Gary usualmente silencia em todas as conversas, conforme é seu costume e, ainda mais, faz poucas referencias ás mulheres. Emfim, esta joven desejava encontral-o sob circumstancias proprias, e como era minha amiga intima, suggeriu que eu o convidasse para jantar em sua companhia. Accedi ao pedido.

Meu conhecimento com Gary Cooper data da occasião em que Sam Goldwyn trouxe-o das montanhas para a Filmagem da producção "Um beijo ardente", em Hollywood, na esperança de tornal-o um "astro" Cinematographico. Fizemos dois Films juntos, e eu o apreciava bastante, embora não houvessemos, durante aquelle tempo, trocado impressões sobre a vida.

Pois bem. A noite destinada ao jantar elle appareceu á hora marcada, demonstrando suas excellentes qualidades de cavalheiro — o que é um milagre em Hollywood, onde, geralmente, espera-se uma hora ou mais pelos convidados. Emquanto não chegavam as demais pessoas, eu falei durante meia hora seguidamente, sendo correspondida pela attenção de Gary, que sorria e era todo ouvidos.

Ninguem gosta de falar mais do que eu — sou mulher — mas, depois de certo tempo, já estava sentindo a garganta secca e, sem saber como, comecei a falar sobre cavallos. Se tivesse pensado antes sobre isso, tudo teria sahido ás mil maravilhas, pois Gary Cooper começou a falar enthusiasmado e cheio de humor, contando historias sobre animaes que elle tinha conhecido, possuido ou montado; e falou até os outros convidados chegarem.

Ahi, então, a sua veia palradora seccou e elle nada mais disse durante toda a noite. E cousa alguma resultou de seu encontro com a joven que o admirava. Ella é muito bella e popular, e tem o dom de ser persuasiva, mas, para o nosso Gary, não adiantou de nada, pois elle é desses homens que podem viver perfeitamente sós toda a vida, a não ser que, como dizem os chronistas sportivos, a mulher os conduza. Uma vez que elles tenham esse estimulo tornam-se campeões, assim dizem, porém, o mais difficil é conquistal-os.

Nestes ultimos tempos tem havido uma tremenda mudança em Gary. E a prova de sua profunda e inherente força, é que esta mudança tem sido realmente de desenvolvimento mais do que de alteração em seu modo de agir. De facto, analyzando-se essa mudança, vê-se que nenhuma das qualidades essenciaes de seu caracter soffreu transformação.

O rapaz sem geito, terrivelmente acanhado e embaraçado, com seu encanto cheio de reservas, desenvolveu-se num homem que, não obstante suas experiencias, ainda continua acanhado, encantador e reservado. Mas, o seu embaraço e falta de geito, que costumavam ser visiveis, desappareceram.

Elle não fala mais do que antigamente, porém o seu silencio é mais gracioso. Sorri mais a miudo, e sem aquella apparencia de panico que nos fazia lhe ter pena. Suas roupas ainda conservam aquella falta de cuidado sobre sua figura alta, porém, é uma falta de cuidado estudada em **Bond Street**, e não uma figura de "cow-boy" endomingado.

Sua coragem convence mais depressa e, para todo o seu acanhamento, os olhos agora reflectem um brilho quasi philosophico.

Elle desenvolveu-se. Tornou-se polido, aprendeu a apresentar-se perante a sociedade e o mundo, mas é sempre o mesmo Gary Cooper. E isso, asseguramos aos leitores, nem sempre acontece em Hollywood, onde a gloria tem o poder de transformar os espiritos menos fortes, em fátuos.

Ha tres cousas responsaveis pelo novo Gary Cooper, penso eu. Sua tenaz doença, adquirida ha um anno e meio passado, quando deixou Hollywood sem que ninguem soubesse se voltaria. Sua amizade com Douglas Fairbanks, o seu idolo, e com aquella grande senhora que é Mary Pickford.

Por fim, temos a profunda amizade de uma mulher que é famosa internacionalmente na alta sociedade, distinctissima e bastante viajada. A condessa Dorothy Frasso, que antes de seu casamento com um italiano de estirpe nobre e diplomatica, era Dorothy Taylor, nascida em Nova York, irmã de Bertrand Taylor, e tia da mais bella debutante da sociedade novayorkina deste anno.

Se o leitor observar, tantas vezes como tenho feito, as "estrellas" de Hollywood em seus rapidos vôos da obscuridade á fama e as suas transições de personalidade, veria que raramente ellas conservam-se á antiga feição. Figuras em contrastes me vêm á mente, e ao lado dellas o phantasma de seus dias passados. Muitas vezes, quando vejo Mary Pickford como uma dona de casa, graciosa e brilhante, vestida de um modo exquisito e intellectualmente igual á qualquer outra mulher, vejo a pequena irlandeza que conheci antes fazendo o possivel para ser uma "lady", mettida nos vestidos de sua mãe.

Mary, assim como Gary, guardam o melhor que possuiam de suas naturezas simples. Mas no caso de Joan Crawford, vê-se ao lado da affectada, pretenciosa e enfadonha "estrella" de hoje, a honesta e dynamica moça de ha alguns annos atraz, e deseja-se que ella fosse o que era antes...

Tenho em mente dois retratos diversos de Gary Cooper, que sempre me fazem rir. O primeiro é o de sua inicial apparição no "set" da Paramount. O segundo, num recente jantar em Pickfair.

Depois que elle fez a sua primeira apparição na téla, como "cow boy", no Film "O beijo ardente", transportou-se para o studio da Paramount afim de interpretar o primeiro papel no Film "Filhos do Divorcio", cujo argumento auxiliei a escrever. A parte que elle devia encarnar nesse Film, era a de um joven da sociedade, jogador de polo, joven rico que pertencia a uma das melhores familias de New York. Para arranjar suas roupas, o studio mandou-o ao melhor alfaiate de Hollywood — Eddie Schmidt. Jamais me esqueci de seu primeiro dia mettido em "smoking"! Talvez eu esteja enganada, porém, creio que aquella fôra a primeira vez que Gary Cooper vestia semelhante roupa. Parecia um pau, vestido! Não obstante, mostrava-se simplesmente elegante, e apparentemente estava dando conta do recado, com uma unica excepção — não podia mover-se...

Felizmente aquelle Film era silencioso, e elle não precisava falar, pois em caso contrario não poderiam ter Filmado até um grande triumpho com "Cavalcade", levou exactamente dois dias para fazer uma scena com Gary, a qual consistia sómente em atravessar um quarto e abrir a porta.

Mesmo assim, apesar desta luta, Frank não desanimou, pois elle sabia que o rapaz possuia personalidade acima da normal, e que a sua boa apparencia fóra do commum faria inevitavelmente grande successo se elle conseguisse iniciar-se. Era uma questão de geito...

De todos os Films de Gary Cooper, mesmo os apresentados este anno, nenhum delles agradou-me tanto como o grande desempenho que elle teve em "Adeus ás Armas". E quando olho para os dias passados, quando um grande director como Frank Lloyd pensava desesperadamente si seria possivel ensinar áquelle "cow-boy" tudo sobre a arte de representar, afim de conseguir transportar a sua apparencia e personalidade á téla, vejo ser um caso que não se poderá duplicar. Representando ao lado de Helen Hayes, elle conseguiu roubar desta grande artista innumeras scenas, sómente com sua sinceridade e poder de acção.

Nem todos sabiam, mesmo no studio da Paramount, o quanto Gary achava-se doente, quando deixou Hollywood ha cerca de dois annos passados, á procura de saude e descanso. Elle se recusava a falar com todo mundo e, mesmo a si proprio, não admittia o seu estado. Tanto quanto suas forças permittiam, procurava proseguir seu caminho em silencio. Não estava em sua natureza mascula julgar-se um doente, e fazia possivel por ignorar seu estado. Uma viagem maritima, deixando Hollywood, um descanso completo do trabalho estafante, o fariam voltar cheio de saude novamente. Mas a principio seus planos foram logrados, porque tal cousa não aconteceu.

Quando estava na Italia, elle cahiu numa prostação completa, que lhe teria sido fatal se não fossem os cuidados de uma pessoa amiga e dedicada. Alguem escrevera á condessa de Frasso que Gary Cooper se achava viajando pela Italia e que seria muito bom si ella o procurasse. Assim o fazendo, a condessa de Frasso foi achal-o em estado desesperador, desanimado e terrivelmente só.

Um pouco afastada de Roma ha uma bellissima villa, onde a condessa e seu marido vivem, que é um dos mais famosos palacios da Italia. Para lá a condessa o levou e vagarosamente, com o cuidado dos melhores medicos, Gary recuperou a saude perdida.

Sua visão e comprehensão augmentaram com esse contacto differente, e com a opportunidade de admirar a riqueza immortal e a inegualavel arte que fazem da Italia um presente inestimavel ao mundo.

Gary Cooper conheceu o Principe Luderino, da Italia, achando-o um homem agradavel e simples, com as melhores e mais finas maneiras de cavalheiro. Em companhia de um enthusiastico grupo de caçadores, fez uma viagem venatoria á Africa, onde dormiu sob as estrellas, ao ar livre, caçou leões e andava o dia inteiro pisando em tapetes de capim verdejante.

Em sua volta passou por Londres, tendo sido hospede dos amigos intimos de Dorothy de Frasso, a condessa e o conde Earl de Port Arlington, "leaders" do mais joven e reservado grupo elegante das Ilhas Britannicas.

Essa experiencia para Gary Cooper trouxe-lhe muita utilidade, considerando-se que elle era um rapaz cuja existencia antes se limitava inteiramente ao grande espaço aberto do Oeste, e em Hollywood. Viajando, naturalmente, elle adquiriu uma comprehensão mais ampla e uma educação mais polida. Além disso, elle formou uma amizade profunda e sincera com a condessa Frasso, a qual é uma mulher differente, em todos os pontos de vista, das mulheres que elle conhecera antes. Devido ao seu acanhamento e sua preferencia para as amizades masculinas, e divertimentos em caçadas, pescas e passeios de automoveis, mais do que qualquer outra cousa no mundo, Gary Cooper jamais perdeu tempo atraz de mulheres.

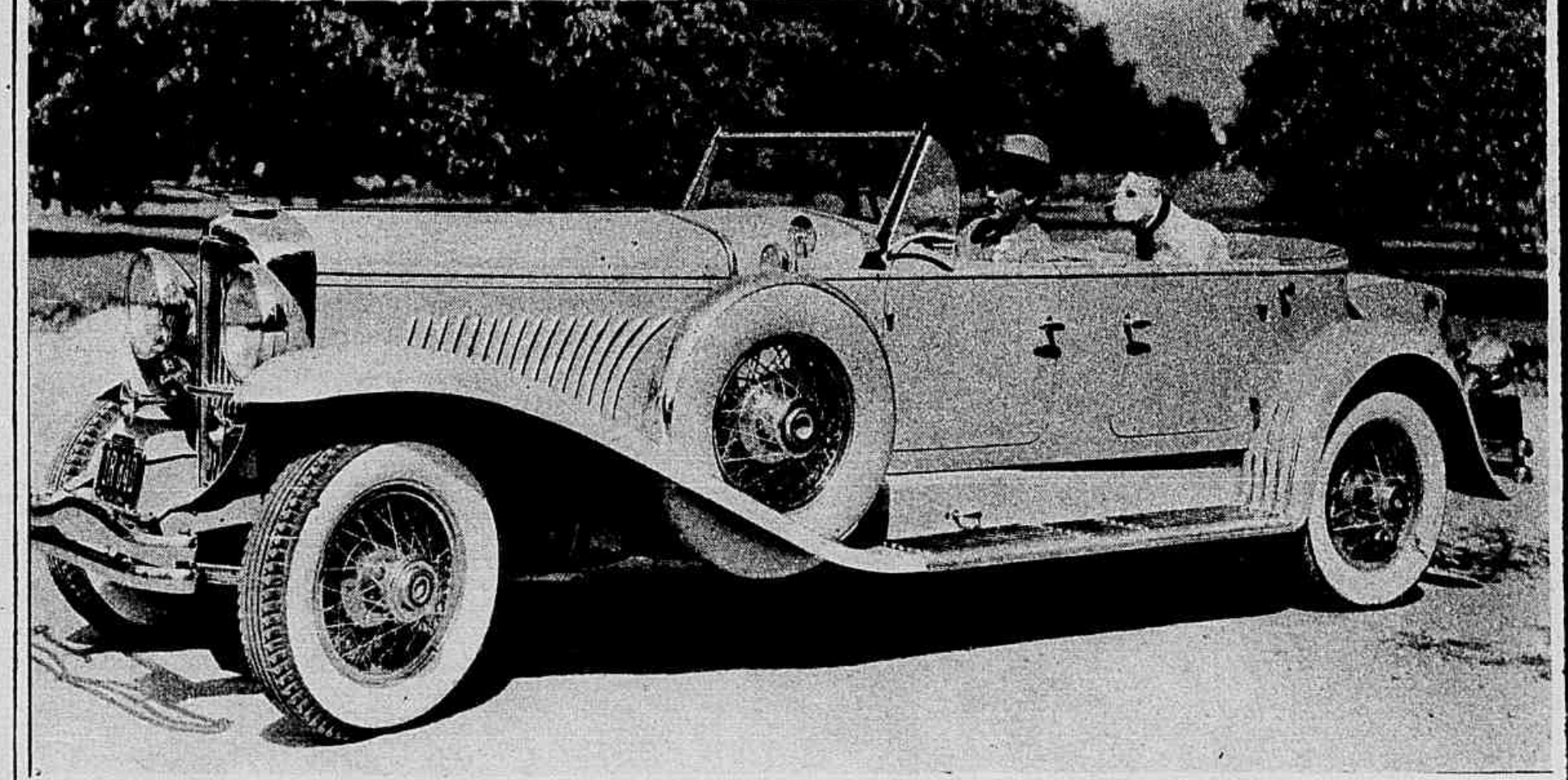
Seu primeiro caso de amor, como todos sabem, foi com Clara Bow. A joven do "it" não espera, muito tempo, maré ou homem nenhum. Admirou Gary logo no primeiro dia em que elles se acharam juntos na mesma pellicula que interpretavam. Elle estava ha poucos mezes em Hollywood, era um inexperiente da vida; encontrando Clara, ella conquistou-o, iniciando-se dessa fórma um romance apaixonado.

Clara, que em minha opinião é a mais dynamica personalidade que temos na téla, dramatiza tudo o que toca e dramatizou-se a si proprio e a Gary. E elle acabou sem saber se andava de cabeça para baixo ou para cima. Separaram-se devido a uma discordia qualquer e Gary, muito sentido e ferido em seu sentimentalismo, viveu algum tempo acabrunhado até que veiu a conhecer Evelyn Brent.

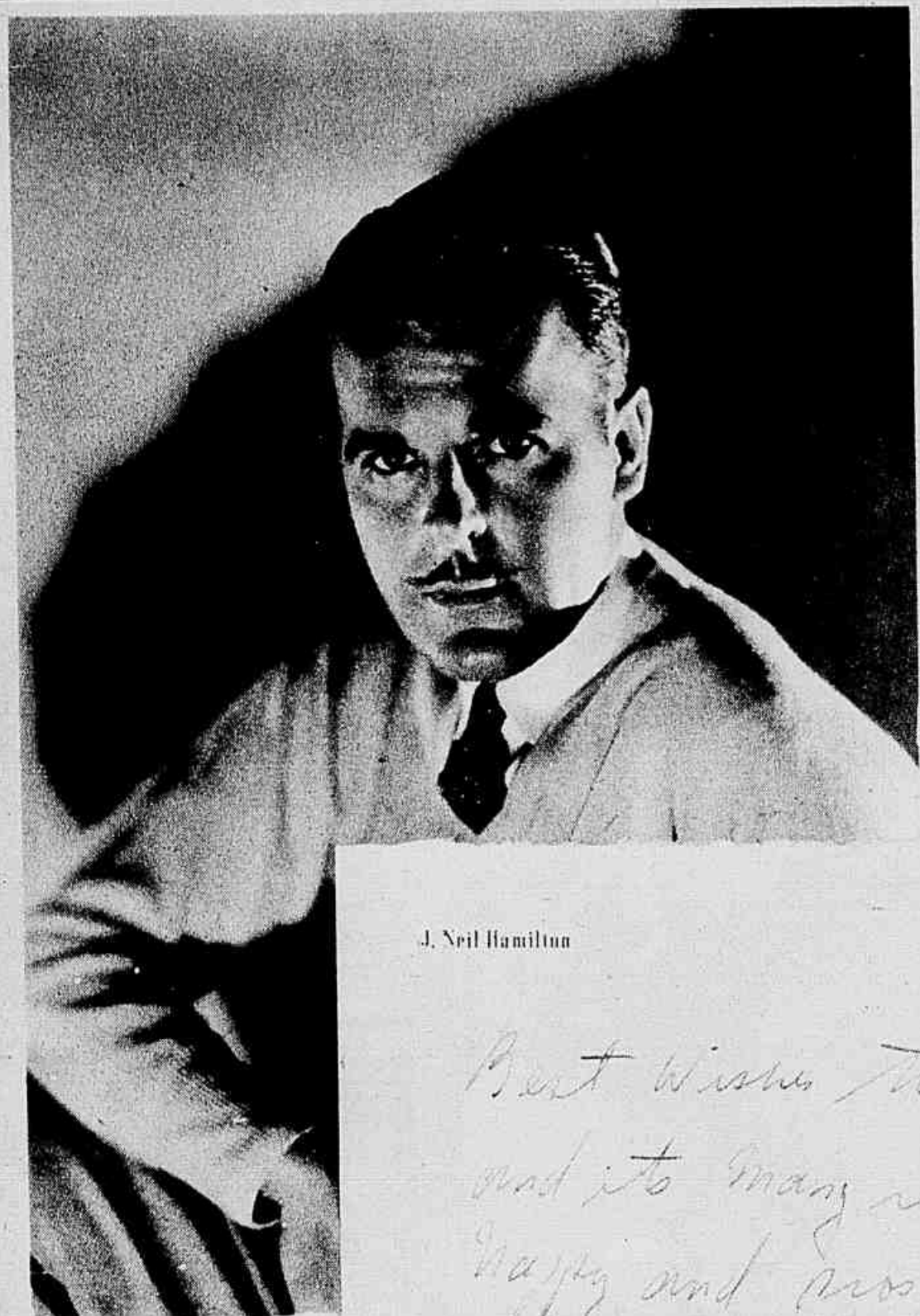
Em Hollywood não ha mulher mais ajuizada do que Evelyn Brent, nem casamento mais feliz do que o seu com Harry Edwards. Mas naquella occasião ella era mais joven e ninguem poderia chamal-a possuidora de uma natureza quieta. Succede que Evelyn não é muito dada a conversas e, namorando Gary Cooper, formava com elle um par ideal. Pareciam viver felizes até que um dia, sem mais nada, ella o mandou passeiar, casando-se com o outro.

Foi então que, á maneira de uma ventania vinda do Sul, surgiu Lupe Velez. Pessoalmente, adoro Lupe. Ella é, sem excepção, a pessoa mais divertida que conheço. E' natural como um cãozinho novo, franca como um papagaio e inteiramente determinada a tirar da vida exactamente o que ella quer. Lupe é bonita e espirituosa, como todos sabem. Gary não tinha opportunidades. E nenhum homem, vivendo em similares circumstancias, teria tido. Ainda mesmo que elle quizesse envolver-se em outros casos de amor, não podia resistir á fascinação de Lupe e, durante alguns annos, ella o absorveu completamente. Não ha duvida de que elles se amavam profundamente, em exaggero mesmo.

Termina no fim do numero)

Gary Cooper

NEIL HAMILTON

NATAL...

BABY LE ROY E GEORGE BARBIER

J. Neil Hamilton
Best wishes to Cinearte and its many readers for a happy and prosperous New Year
Neil Hamilton

"THANKS" NEIL!

HAPPY NEW YEAR
1934

1934 já entrou mas é ainda tempo para agradecer a estas gentilezas para com CINEARTE e seus leitores

To all my charming "Brazilian Friends" a Happy-Happy New Year
Ruth Roland

RUTH E BEN NÃO SE ESQUEÇE. DE NÓS

To my friends in Brazil Sincere greetings for a Happy New Year
Ben Bard

PEQUENAS
PERNICIOSAS...

Mabel
Marden

Kay
Hughes

Mabel
outra vez

Toby
Wing

Loretta Young

Peggy Hopkins Joyce

Jean Howard

LOURAS,

AS

RAINHAS...

A TRANSFORMAÇÃO DE MYRNA LOY

O amor platonico, dizem as más linguas, é coisa impossivel em Hollywood, uma historia da carocha que desperta risos de mofa.

Será?

Essa gente não sabe que a amisade sincera e desinteressada dum homem ajudou a salvar uma actriz de se tornar victima da propria personalidade artificial que creara na tela.

Essa gente fala em romance entre Myrna Loy e Ramon Novarro, mas sem nenhum fundamento serio, só porque Myrna ficou morando na nova casa de Ramon, emquanto o actor andava por fora.

Myrna, quando se refere ao assumpto, ri-se.

— Só soube dos meus amores com Ramon pela leitura dos jornaes!

Novarro tambem acha graça ao caso.

Felizmente, os dois artistas são pessoas bem humoradas e nunca se impressionam com o que se diz delles.

Riem-se das tolices que circulam a seu respeito, mas agora vamos contar a verdadeira historia, a historia que deu margem aos "palpites" dos maldizentes e que appareceu deturpada de mil modos nos circulos onde se pratica o velho "sport" de "tesourar" na vida alheia.

Por espaço de oito annos, Myrna não fez outra coisa na vida senão representar mulheres exoticas na tela. Entregue de corpo e alma á sua carreira, nunca lhe sobrou tempo nem mesmo para fazer a classica viagem a New York, emquanto outras se fartavam de passear pela Europa.

Os contractos não lhe deixavam um momento de seu. Só esteve livre durante o periodo de transição para o Cinema falado, mas, nessa altura, era perigoso abandonar o campo de luta.

As maiores ferias de Myrna até hoje foram duas semanas de cama a refazer as forças!

Quando vae a Glendale, é um acontecimento, mas, assim mesmo, é sempre a serviço, para assistir a alguma "preview".

A sua tarefa de divertir o publico com a creação Cinematographica dos mais estranhos typos de mulher custava-lhe um grande dispendio de energias. Melhor comprehenderá isso quem conhecer pessoalmente a actriz. Myrna é uma dessas creaturas de extrema vibratilidade nervosa, que se deixam absorver intensamente por uma coisa e que não vêem mais nada diante de si. O pae morreu-lhe depois de longa doença resultante dum esgotamento nervoso.

Quand Natascha Rambova a apresentou num papel exotico, Myrna resolveu, dahi em deante, crear e desenvolver um novo typo Cinematographico. Exaggerou as sobrancelhas e deu á bocca uma curva mais sensual, vestindo os trajes mais bizarros e sensacionaes, e procurando fascinar pelo mysterio.

Passava o dia inteiro a trabalhar, a estudar com rapidas sortidas á modista, aos cabelleireiros, aos photographos; doze horas de actividade ininterrupta e, ás vezes, até mais.

A' noite, eram massagens no couro cabelludo, tratamento dos olhos, manicuras, e mais complicações de "beauty care".

O peor, porém, era a tensão mental. Myrna lia historias tenebrosas, contos orientaes e da Edade-Media, em que bebia inspiração para a composição dos seus estranhos typos.

Muitas vezes, a creação torna-se uma obsessão, e Myrna chegou a ponto de se deixar escravizar pelas exquisitas sereias que representava para o publico de Cinema. Deu-se toda áquellas phantasiosas creaturas, um pouco desmioladas, como a actriz as chama, e tão longe da realidade.

Ao sahir á noite da pelle das suas personagens, Myrna tinha a impressão de se libertar de uma grotesca mascarada. Mas a influencia dellas ficava. Hoje a actriz considera-as figuras freudinas, cheias de psychoses e de complexos, e que, não obstante, sendo creações suas, faziam vibrar intensamente.

Ao cabo de algum tempo, a saude de Myrna resentiu-se. Quantas vezes não a viu o publico na tela, doente, por assim dizer quasi a cahir em pé, sem suspeitar de nada?

Ha artistas, com o mesmo temperamento e, que nessas condições, recorrem ao uso de narcoticos, mas Myrna é feita doutra massa.

— O somno tornou-se uma coisa quasi impossivel para mim, confessa. As noites eram verdadeiramente torturantes. Pesadelos terriveis, de lutas, de perigos, em que me via perseguida e assassinada, envolvida nos tentaculos das mais estranhas allucinações. Depois de combates tremendos com a insomnia, derreada pelos mais negros sonhos, tinha que trabalhar o dia todo. Exhausta, não me era dado o mais leve descanso. A's vezes, pensava que coisa bemdita não seria poder deitar-me numa cama e dormir durante longas horas.

Travando conhecimento com Myrna, quando fez com ella "Uma noite no Cairo" Ramon Novarro adivinhou o que se passava. Percebeu que os nervos da actriz precisavam de repouso e para isso não havia nada melhor do que a tranquillidade da sua casa.

— Ramon não desejava alugar a casa a pessoas estranhas e sabia que eu me queria mudar. Deixando-a entregue a mim, não necessitaria de mandar guardar fora os seus thesouros artisticos. Ficariam sob a minha guarda.

O subtil Ramon prestou um favor, fingindo que era elle quem o recebia! Comtudo, ambos os artistas lucraram.

— Fiquei admirada, porque esperava encontrar uma casa em estylo hespanhol e com ambiente religioso. Ramon tem apenas uma imagem e alguns quadros e peças de esculptura. A vivenda obedece a traçado modernista e é duma simplicidade refinada, com muito espaço para se respirar. O jardim é maravilhoso. E consegui o que tão ardentemente desejava! Descanso, durmo tranquillamente, sem sonhos. Como muito bem!

Os olhos de Myrna brilham de contentamento, o sorriso é de pessoa feliz. Sente-se que lhe voltaram as forças, vendo-se-lhe o pisar, firme e rapido, o gesto vivo e largo, reflectindo um intimo bem estar.

Myrna faz lembrar de novo a Myrna Williams de Montana.

Da tranquilla vivenda de Ramon, mudou-se, pouco antes de o astro regressar da Europa, para uma casa no alto dum morro, entre Hollywood e o mar.

Dum lado montanhas, doutro a vista do oceano. O jardim é um logar admiravel para os banhos de sol.

— Pensei numa casa na praia, mas o mar entristece-me. Além disso, Malibu está muito cheia. Preferi equilibrar a coisa. Nem muito ao mar, nem muito á terra...

Myrna e Ramon professam amor egual pela musica. A mãe da actriz, sendo excellente pianista, Myrna desde pequena que aprendeu a amar a arte dos sons. Ramon canta e ella illumina-o com a sua critica amavel e competente.

— Ha tão poucas amisades em Hollywood, que as que apparecem a gente trata de conserval-as como quem guarda um thesouro. Na verdade, vem-se a conhecer muita gente, mas são simples conhecimentos, que se esfumam, mal um artista sahe do galarim da fama. Mas a amisade é outra coisa. Muitos artistas andam tão atarefados com as suas carreiras que não têm tempo de fazer amigos.

"Ha actrizes que se queixam de não saber se os homens as amam realmente ou se estão apenas deslumbrados com o luxo dellas. "Fita"... A gente bem sabe distinguir. Quem gosta apenas de deslumbrar os homens com o seu esplendor, que os deslumbre e não

(Termina no fim do numero)

Quando Natascha Rambova appareceu, Myrna Loy resolveu dahi em diante crear papeis exoticos...

A Juventude

PERTO da Escola Superior do Norte fica a alfaiataria de Herman. Emquanto este está passando uma roupa do estudante Sam Weber, uma bomba é atirada dentro do estabelecimento, e a alfaiataria quasi vêm abaixo.

Mais tarde, Herman é procurado por Garrett, um perigoso "gangster" que vêm intimal-o a associar-se ao seu bando. O alfaiate nega-se. E nessa noite Garrett arranja um "alibi" com seus cumplices e depois vae a loja de Herman e assassina-o friamente.

Esse crime é testemunhado por Joe Smith, um dos alumnos da Escola do Norte.

Quando chega a "Boy's Week" (a "Semana da Mocidade"), Smith é elevado ao posto de promotor publico. Por sua vez Billy Anderson torna-se o chefe de policia e Gus é nomeado juiz municipal.

E todos decidem aproveitar a opportunidade para fazer com que o perverso Garrett preste contas á justiça do covarde assassinio que perpetrou.

Entretanto, depressa as autoridades juvenis vêm que não poderão prender o facinora, porque o "gangster" desfructa de tudo a seu favor, inclusive a policia. Apparentemente a lei nada tinha contra Garrett. .

Mas os rapazes não desanimam. Elles acham que poderão conseguir provas que compromettam o "gangster" e o levem á cadeira electrica.

A primeira diligencia nesse sentido é uma visita demorada a loja do alfaiate. Mas a unica cousa que conseguem encontrar como vestigio é a metade de uma abotoadura, que os tres rapazes suppõem pertencer ao assassino. E resolvem dar uma busca no appartamento de Garrett, pois se descobrissem lá a outra parte do botão de punho, já seria uma prova contra o bandido.

Gay Merrick, a encantadora irmã de Don, outro estudante, esta delicada Judith Allen, de um sorriso tão lindo, é a pequena de Steve. Mas tem outro pretendente, o tambem estudante Morry Dover e sabendo que este tem intimidade com os "gangsters", decide ir na sua companhia até o "cabaret", que sabe ser o "fóco" da quadrilha de Garrett.

Gay conta a Morry o plano dos estudantes que pensam em capturar Garrett. Morry não acredita. Elle julga ser tudo uma grande pilheria e conta o caso ao proprio Garrett. . .

Este corre ao seu appartamento e chega a tempo de encontrar ainda lá o promotor, o juiz e o chefe de policia, que revolviam o quarto, á procura do botão almejado.

Dá-se então a morte de Billy e não contente em assassinar o "chefe de policia", para livrar-se do crime, o "gangster" denuncia o "juiz" como sendo o matador de Billy.

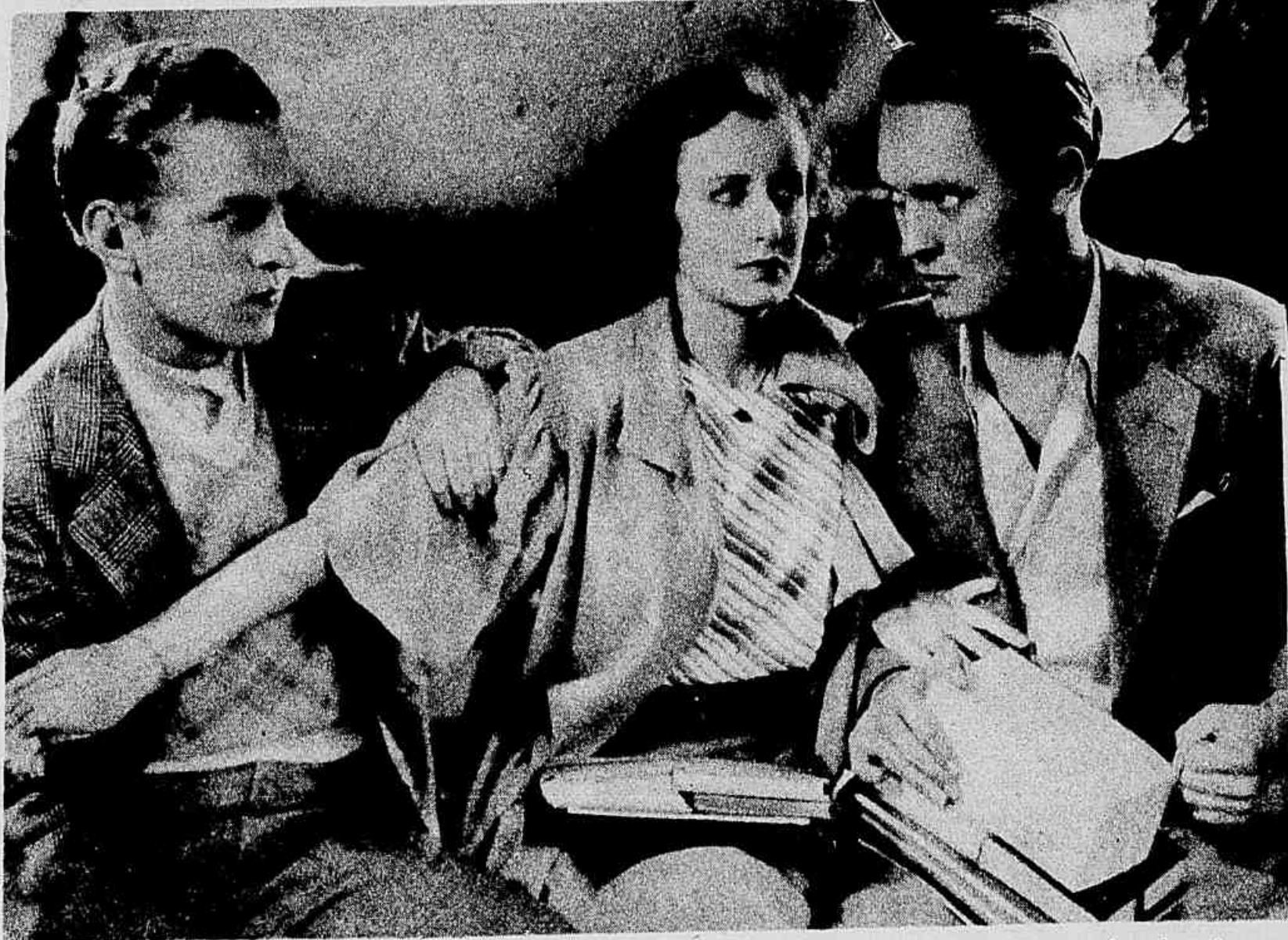
Steve Smith convoca numa reunião os presidentes de todos os centros de estudantes da cidade e lhes expõe o seu plano: elles mesmos julgarem Garrett, mas num tribunal de estudantes, evitando o suborno com que o "gangster" vencia em todos os tribunaes. E por meio de um subterfugio elles decidem prender Garrett. . .

Morry Dover e Gay, sentem-se culpados pela morte de Billy e decidem ajudar o mais possivel a prisão de Garrett. Morry sabendo que Toledo, o "guarda costas" de Garrett, tem um "fraco" pela pequena, arranja para ambos um "rendez-vous".

Assim, sem o seu "guarda-costas", foi facil para os estudantes capturarem Garrett. O criminoso é levado para a velha olaria, onde está installado o tribunal dos estudantes e confessa o seu crime, por meio de um "truc" que os estudantes imaginaram capaz de aterrorizar o bandido e que deu excellente resultado: lançando-o em um buraco, cheio de ratos famintos, "gangsters" para salvar Garrett.

Temendo que os bandidos massacrem os estudantes, Gay rouba um carro particular e se dirige, sem demora, para a velha olaria, para prevenir os rapazes do perigo que os ameaça. Mas correndo á toda velocidade, Gay é detida por um guarda, em meio do caminho...

Defendendo-se ella põe o guarda ao corrente dos factos e elle reunindo outros, armam-se de metralhadoras e chegam ao local, justamente á tempo de salvar os estudantes do fogo dos "gangsters"

Só assim Garrett é levado para a cidade, até a casa do juiz que o absolvera no caso Herman. O juiz é arrancado da cama para reconhecer a culpabilidade e a confissão de Garrett.

que os estudantes haviam capturado para tal fim...

Garrett confessa logo que tambem matou Billy.

Nesse interim, Toledo descobre que Gay o esteve enganando e que seu chefe está prisioneiro. E corre a reunir os

E esta confissão é tambem a denuncia de um grande numero de politicos deshonestos... Isto causa grande escandalo e os culpados se vêm forçados a fugir da cidade.

nal, Morry lhe revela a heroica acção de Gay que lhes permittiu aprisionarem Garrett.

Agora ambos correm á procura da pequena. Como os dois estão apaixonados por Gay, decidem que ella terá a palavra. Gay dirá qual dos dois é o mais digno do seu amor...

Estão os tres no automovel e Gay vae pronunciar o nome do felizardo, quando um policial os interrompe.

— Estão todos presos... por terem roubado este carro!

(THIS DAY AND AGE)

FILM DA PARAMOUNT

Garrett	Charles Bickford
Gay Merrick	Jurith Allen
Steve Smith	Richard Cromwell
Don Merrick	Eddie Nugent
Morry Dover	Ben Alexander
Herman	Harry Green
Manager	Billy Gilbert
Juiz Maguire	George Barbier
Director	CECIL B. DE MILLE

Steve Smith e seus collegas são os heroes do dia. E quando Steve deixa o tribu-

manda

Está concluido o Film polonez — "Przybeda" (O vagabundo), de Noroina — Przybylski.

Reanima-se a vida Cinematographica em Cracovia. Não é só Varsovia que produz Films — a Cracovia está fazendo muitos "shorts"

de "avant garde" e o Film "Sa lettre á elle"

Florelle tem um dos principaes papeis da nova versão de "Liliom", feita em França, pela Fox, dirigida por Fritz Lang, com Charles Boyer e Magdeleine Ozeray no primeiro plano.

Florelle tambem figura em "Les Suprises du Sleeping", dirigido por Charles Anton o Film francez, da Fox.

Florelle, Rene Lefebure e Dranem são os principaes em "Les deux Canards", de Tristan Bernard.

A viuva Chico Boia-Addie Mc Phail está trabalhando na comedia "Springtime and Gypsies", da Educational. Cecilia Parker tambem toma parte.

Margaret Livingston, hoje senhora Paul Whiteman, voltou ao Cinema no Film "Social Register". E vae trabalhar tambem em "Sweet Adeline", producção Rowland-Brice.

Gladys Mc Clure, irmã de Adrienne Ames, mais conhecida no Cinema pelo nome de Linda Marsh, despediu-se de Hollywood para sempre.

"The Heir Chaser" da Warner nos mostrará James Cagney e Joan Blondell novamente juntos.

Clarence Brown vae voltar a dirigir Joan Crawford no seu proximo Film.

Maurice Chevalier assignou contracto com a "London-Film", de Londres para fazer tres Films.

"The Comeback" é o proximo uniforme de Dorothea Wieck, na Paramount...

Edward Arnold está de novo ao lado de Sylvia Sidney em "Thirty Day Princess". E o "Tenente Pikkerton" — Cary Grant amará mais uma vez a "Madame Butterfly", neste proximo Film da Paramount.

Pabst vae dirigir Richard Barthelmess em "A Modern Hero", para a First National.

UM ALMOÇO COM ALISON

JEANETTE MAC DONALD... Jean Harlow... Claudette Colbert... Madge Evans... e eis aqui algumas das bellezas estonteantes que eu tenho entrevistado em Hollywood. Para cada uma, tenho usado dos adjectivos mais enthusiasmados do meu vocabulario. Cada uma dellas tem deixado no meu espirito sensações deliciosas, como só o encanto e a belleza sabem despertar.

Mas, não é só a belleza e o "charme" pessoal que maravilham. Uma intelligencia brilhante, um espirito cheio de bom humor, uma vida salpicada de factos curiosos e interessantes tambem sabem fazer brotar no **reporter** um preito de admiração.

Muitos dos meus leitores hão-de dizer — "Esse Gilberto só procura as garotas bonitas de Hollywood — esses peccados elegantes do Cinema! Com o pretexto de entrevistal-as elle vae gosando os seus bons momentos — olhando-as bem dentro dos olhos, saboreando com prazer a palestra agradavel, devorando os sorrisos fascinantes e... Parem aqui, por favor! Hoje, só para provar de que sou sincero com os **fans** — para demonstrar que sou honesto no meu trabalho aqui está uma ligeira entrevista com Alison Skipworth.

E — acredito sinceramente, que ninguem dirá depois, ter eu ido procural-a por se tratar de uma "vampiro", de uma creatura elegante e... de um par de olhos provocantes e uns labios que se offerecem tentadores!

Os **fans** conhecem Skipy (como nós aqui a chamamos...) muito bem. Ella é um desses elementos que se fazem necessarios ao Cinema, pois a arte das imagens não pode offerecer apenas Normas Shearers, Jeans Harlows, Claudettes Colberts e outras creaturas deliciosas de Hollywood...

Marie Dressler, Mae Robson, Maude Eburne, Elizabeth Patterson e Alison Skipworth são personalidades que dão aos Films certo encanto, offerecendo-o pelo seu trabalho artistico, interessante e curioso.

Alison é um grande nome do Cinema. Pessoalmente, confesso, ella interessa muito mais do que muitos palminhos de rosto bonito — muito mais mesmo do que uma dessas "estrellas" que como Arte sabem mostrar apenas fórmas provocantes e meneios sensuaes...

Como existe para cada artista um **fan** — que seja para este, apenas, esta minha chronica sobre essa figura do elenco da Paramount. Alison é bastante velha e — curioso, em vez de passar suas horas de descanso num **beauty parlor**, procurando livrar-se dos pés de gallinha e das rugas teimosas — ella vae por este mundo de Deus mostrando seus cabellos brancos e sua papadinha...

A nossa entrevista foi ligeira e o nosso encontro se fez no restaurante do Studio, num almoço a que ella teve a gentileza de convidar.

Sandwiches e um copo de cerveja — eis o almoço da velha Skipworth! Fiquei surpreso de a ver bebendo cerveja. Com a idade della, suppuz um copo de leite — torradinhas e bolachas... Mas, com Alison nada disso! Cerveja e da boa — nada dessa de tres por cento que a lei permitte. Bem carregada, bem forte — para animal-a e para estimular suas forças.

Skipworth é uma dessas grandes damas sympathicas. Lembra uma dessas amigas velhas que as nossas familias sempre têm. Parece uma dessas madrinhas ricas que não faltam ás festas, que sempre chegam carregadas de presentes e embrulhos e que olha com carinho e affecto para os namoros das netas, para os estudos do netinho... (este, em geral já passou dos vinte e está prestes a formar-se em "mais um advogado" na familia...)

No palco, na peça "A Duqueza e o Garçon", com Elsie Ferguson, Basil Rathbone e Fredric Warlock.

Ella é um typo carinhoso. Tratou-me com — permittam-me que o diga — maternal interesse!

Parecia que estava falando a um dos seus netos (se é que ella os tem!) Disse-me ella: "Mas, tão moço! Pensei que era um desses **reporters** idoso, a torcer o bigode, prompto a fazer mil perguntas... Vamos lá, que interesse posso eu despertar nos seus leitores?"

"Muito mesmo. A senhora é um dos typos mais interessantes do Cinema e seus papeis são apreciados pelos meus patricios!" digo-lhe eu.

"Muito bem. Vou falar. Trabalhei trinta e quatro annos no theatro. Ha quatro annos estou nos Films. Comecei a minha carreira com dezoito... Se sabe contar, faça a conta! Não escondo a minha idade. Quando a gente tem cincoenta, é tolice querer parecer trinta! E não me venha dizer que eu não pareço. Que estou bem conservada e outros elogios muito proprios aos **reporters** entrevistadores." Não pude deixar de rir. Notei logo o seu bom humor. O seu espirito vivo, agradavel.

"Beba mais cerveja... E está vendo aquelle homem ali?" diz-me ella apontando para um famoso director, muito conhecido pelos seus Films maliciosos e que vive a fumar charutos infindaveis!

"E' o maior delles todos. Sim, senhor! Ernst Lubitsch é o meu director preferido e sinto não ter trabalhado com elle. Mas, não perco as minhas esperanças. Ainda hei-de estar num dos seus Films. Elle é estupendo, extraordinario! Conhece-o?" pergunta-me ella.

"Mas, Mr. Mamoulian é tambem muito intelligente e muito fino. Delicado e **gentleman**. Gostou de "O Cantico dos Canticos?", indaga-me ella. "Faço uma velha malvada. Louca pela bebida... avarenta e que vive a guardar dinheiro no pé de meia! — E, antes que me esqueça: Diga aos seus leitores que isso de me pôrem sempre bebendo nos Films não é porque eu tenha pratica. Só bebo uma cervejinha nas minhas refeições e nada mais!..."

Quando estreou no palco de New York...

Assim é Alison Skipworth. Fala e dá uma daquellas suas risadinhas sarcasticas e engraçadas. Fala tal qual nos Films. Sua voz varia de tonalidades. Olha, apertando os olhos, pois acredito que seja bastante myope ou que pela idade tenha vista cansada.

Anda vagarosamente, com pôse de marqueza. Gosta de vestidos longos e chapéus de abas largas. Ri e conta pilherias gosadas.

E' ingleza, mas com os muitos annos de estada na America, perdeu quasi completamente o sotaque britannico. Fala com enthusiasmo de Londres, a que não voltou desde que veiu para os Estados Unidos.

"Tenho lá uma serie de parentes. Sobrinhos, tios e tias velhas... (imaginem Alison com um punhado de tias velhas e inglezas...) e hei-de voltar lá. Querem que eu vá trabalhar nos Studios inglezes. Não decidi ainda. Estou muito velha para andar a fazer viagens por mar. Depois, Hollywood é um paraiso. Este sol e este clima têm feito muito bem á minha saude. A vida aqui é boa, optima mesmo. Elles conhecem tudo sobre Cinema, sabem mais do que ninguem — porque hei-de ir para Londres fazer Films, quando os posso fazer aqui sem trabalho, sem canseiras e difficuldades? Talvez que vá para matar saudades... Não sei. Dizem que as mulheres mudam de opinião com a mesma facilidade com que trocam de vestido... Mas — eu estou já muito velha para andar fazendo papel de tola...!"

Quando Alison Skipworth tinha apenas tres annos e tinha o nome de Alison Groom

Ella falou durante todo o tempo. Indaguei se ella tinha mesmo apparecido numa versão de **The Swan (Aurora de Amor** — aquelle Film maravilhoso que vimos com Menjou, Ricardo Cortez e Frances Howard...),

SKIPWORTH E... BRIDGE!

Alison Skipworth e Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood.

pois algumas das suas biographias o affirmavam.

"Não. Isso de biographias são sempre mentirosas. Nunca sabem o bastante para contar e por isso inventam sempre. Nunca trabalhei nesse Film, mas fiz o papel no palco com Elsie Ferguson. Conhece-a?"

Uma onda de recordações suaves e bonitas — daquelle tempo esplendido em que Elsie era a aristocratica da tela... Recordam-se della em **Exilada Social** ou **Amor Sagrado e Profano,** um Film notavel, poetico e onde Wallace Reid trabalhou só para provar que era um grande artista e que não sabia apenas ser galã de historias automobilisticas?

Falamos de Elsie Ferguson. Alison fala della com enthusiasmo. Diz-me o quanto ella foi grande nos palcos de New York, o quanto ella era amiga dos seus companheiros de trabalho...

Foi Gloria Swanson que me trouxe para os Films. Viu **Esta Noite ou Nunca**? Eu fazia a tia de Melvyn Douglas (esplendido artista! aparteia ella) e que o publico suppunha, durante todo o Film, fosse uma velha sapeca a andar com um gigolô... Gloria me deu uma grande opportunidade e a ella me considero muito grata. Ella é uma das minhas artistas favoritas."

"E quaes os outros, Miss Skipworth?" indago.

"Vejamos... Dos homens, George Raft, Clive Brook e Frederic March. George, além de ser um typo notavel é um esplendido artista, considerando-se que nunca teve pratica como tal. Convenço-me mesmo que o tirocinio do palco nem sempre é indispensavel. Fóra de ser um artista que admiro, elle é o rapaz mais sympathico e mais gentil que conheço. Das mulheres — Mae West, em primeiro logar. Gloria Swanson, Claudette Colbert e Helen Hayes. Lembra-se de Mae West em "Valentino"? Não foi sensacional o seu trabalho? E que esplendidas as scenas entre eu e ella, naquella manhã, quando eu desperto com a cabeça a arder, fructo da resaca da vespera!

"Recebe muitas cartas? Responde-as?" indago da curiosa artista.

"Sim. Algumas. Mas, nunca as vejo. O Studio toma conta disso para mim, como o faz com quasi todas as estrellas. E depois pouca gente se interessa por uma carcassa como eu..." termina ella com uma risadinha das suas — typicamente Skipworth!

No meio de nossa palestra, ella indaga — "Você joga bridge"?

Senti um calafrio. Tenho medo de quem joga bridge... Não posso comprehender quatro pessoas sentadas, sisudas, caladas a remexer um punhado de cartas, compenetradas, levando mesmo a serio o bridge! Mas— não tive coragem de dizer tal coisa. Disse que não, mas que estava disposto a aprender, pois teria prazer em jogar com ella.

"Alison olha-me com espanto e diz: "Vê-se logo que não sabe jogar. Um jogador de bridge dos bons nunca jogaria com um novato e simples amador!"

Foi uma confissão sincera e espontanea da velha Skipy. Digo-lhe então para consolar seu desapontamento que meu irmão talvez, a estas horas, teria aprendido bridge... Um sorriso brota nos seus labios. E ella murmura: "Ao menos seu irmão salva a familia... Não se pode conceber neste seculo, nesta idade moderna, quem não saiba jogar bridge! Parabens ao seu irmão!"

A gente nunca deve contrariar... por isso acceitei os elogios da velhota, com um sorriso, mas cá dentro de mim, continuo a achar insupportavel bridge, damas e — principalmente, xadrez! Perdôem-me os meus leitores, afficionados a esses sports pacificos e proprios aos dias de chuva!

E ella termina — "Bem, em todo o caso perdôo-lhe por não saber jogar bridge. Queria convidal-o para uma reunião em minha casa. Conhece a Hollaway Hobbs? (Ella se referia áquelle artista que trabalhou ao lado de Ronald Colman em **Masquerader.** Elle fez o velho mordomo de Colman). Pois Mr. Hobbs é um dos mais perfeitos jogadores de bridge. Notavel mesmo e elle diz que sou uma esplendida parceira... Bem, como não joga, aposto que gosta de chá... Não é verdade? Pois, está convidado para qualquer domingo destes. Sabe onde moro, por isso é só chegar lá pelas volta das cinco e saborear um authentico chá á moda londrina...

Despedimo-nos. Eu voltei satisfeito da minha palestra, que tinha decorrido num ambiente da mais esplendida camaradagem...

Dias mais tarde, falo com George Raft. Este é um bom amigo meu. E elle me conta, "Sabe, Skipy falou-me de você... Disse que você é um rapaz sympathico (não estou me gabando — caros leitores — repito as palavras de Raft...) mas que não sabe jogar bridge!"

(Termina no fim do numero)

GRETA GARBO A "RAINHA CHRISTINA" DE MAMOULIAN. FILM DA METRO-GOLDWYN-MAYER.

13 Mulheres

DOZE jovens estão em risco de morte. Ellas são lindas, affaveis, tem todas as flammas da juventude, todo o encanto da ternura e mereciam um destino melhor, mais grato, do que o que as espera. O perigo sob cuja ronda vivem, vêm de uma companheira sua e cuja maldade, intima e profunda, ninguem presente. Ella é Ursula George, uma mulher extranha, enigmatica e que se destaca como um ser excepcional.

E' filha de pae branco e mãe javaneza e, tanto physica como moralmente, differe de todas as mulheres com quem convive. Ella tem um sorriso meigo e lindo, mas o seu coração abriga a impiedade. Ursula soffre vendo florescer ao seu derredor, a felicidade alheia. Estava num collegio de moças e vivia solitaria, tão incapaz era de se communicar com as outras almas. Parecia presa ao encanto de uma maravilhosa visão interior. Embora o isolamento viesse de sua tendencia nata para a solidão, ella acreditou-se um dia desprezada pelas companheiras... Tinha suceptibilidades delicadissimas e, desde então, sentiu-se invadir pelo rancor. Não lhe sendo possivel soffrer, por mais tempo o ambiente do collegio, abandonou os estudos e foi ser a companheira, taciturna e diabolica, de Swami Yogadachi, um astrologo charlatão.

No convivio com o supposto sabio, vêm a saber que as mulheres, mais do que os homens, são indefesas á suggestão mental. Ursula vêm a idealisar então, um plano demoniaco e que visa eliminar, uma a uma, doze de suas ex-companheiras de collegio. Escreve com habilidade infernal doze cartas sinistras, com á assignatura de Swami, nas quaes prediz uma tragedia a cada uma das pequenas, O effeito foi o mais seguro possivel, uma vez que as doze victimas eram bastante suggestionaveis.

May e June, que trabalhavam no trapezio, recebem as respectivas cartas antes de que realisem o lance supremo de sua carreira — a volta audaz sob o grande cume. May suggestionada pelas tragicas predi-

ções, tem uma crise nervosa em plena acrobacia e cahe, morrendo pouco depois. Em face do golpe que abatera a irmã, June enlouquece.

Mary é presa tambem da loucura, tal foi a excitação produzida pela missiva sinistra que recebeu.

Uusula previra que Hazel iria ser presa e que Helen suicidar-se-ia...

Mais duas receberam a extranha mensagem prophetica: Laura tem a advertencia de que o seu filhinho — Bobby — não attingiria seis annos de idade. Grace é avisada de que terá uma morte horrivel sob as rodas de um trem subterraneo. Jo é avisada, em Honolulu, de que se matará por suas proprias mãos, succumbindo ao desespero de um amor infeliz. Assim Ursula consegue sombrear, num crepusculo de presagios tristes, todas as suas antigas companheiras.

Apenas Laura, dotada de maior fortaleza moral, resiste á suggestão. E ella para combater, atravéz de uma acção conjuncta com as amigas ameaçadas, o inimigo invisivel, convoca-as para a sua casa, em Los Angeles.

Ursula acompanha Helen no trem. Em dado momento, para dar maior verosimilhança ás suas prophecias, faz com que Swami, que viaja no mesmo carro, caia sob as rodas do comboio, morrendo. Mais tarde, conversando com Helen, Ursula serve-se de sua força hypnotica, magnetisando-a. E Helen é arrastada ao suicidio, tal a sua convicção de qua a sua morte estava realmente assignalada pelas estrellas.

Quasi ao mesmo tempo, Hazel, sucumbe inteiramente á influencia de que soffre e assassina o marido, sendo presa pela policia.

Instigado por Ursula, um desconhecido tenta matar o filhinho de Laura. Esta, porém, contracta os serviços de Clive, um excellente dectetive, que atravéz processos habeis de investigação vêm a descobrir quem é Ursula e a desmascara.

Na imminencia de ser presa, a perversa creatura tenta fugir. Mas no mesmo trem em que viaja, vão Clive e Laura. Ursula comprehende que chegou o momento de expiar os seus crimes e acommettida de temor, atira-se do wagon, encontrando a morte.

O trem segue a sua marcha normal por isto que o suicidio de Ursula não fôra presentido.

Mas de qualquer forma, Laura não mais temia a ameaça da carta sinistra e por isso entregava-se aos beijos do dectetive de quem já estava enamorada, e que afinal lhe salvara a vida.

(Thirteen Woman) — Film da R.K.O.-Radio

Laura	Irene Dunne
Clive	Ricardo Cortez
Ursula	Myrna Loy
Jo	Jill Esmond
May	Harriet Hagman
June	Mary Duncan
Helen	Kay Johnson
Grace	Florence Eldridge
Mary	Julie Hayden
Swami	C. Henry Gordon

Director — George Archainbaud

x x x x

Madame La Mimp passou a chamar-se **Lady for a Day**. E' da Columbia e tem Barry Norton e Jean Parker no elenco Jean terminou para a mesma fabrica, **Shall We Tell Our Chilarem?**

"FOUR FRIGHTENED PEOPLE" COM CLAUDETTE COLBERT, HERBERT MARSHALL, WILLIAM GARGAN E MARY BOLAND.

O NOVO FILM DE CECIL DE MILLE.

Film da Paramount

PARA

O

CARNAVAL...

Mae West

Dorothy Dayton

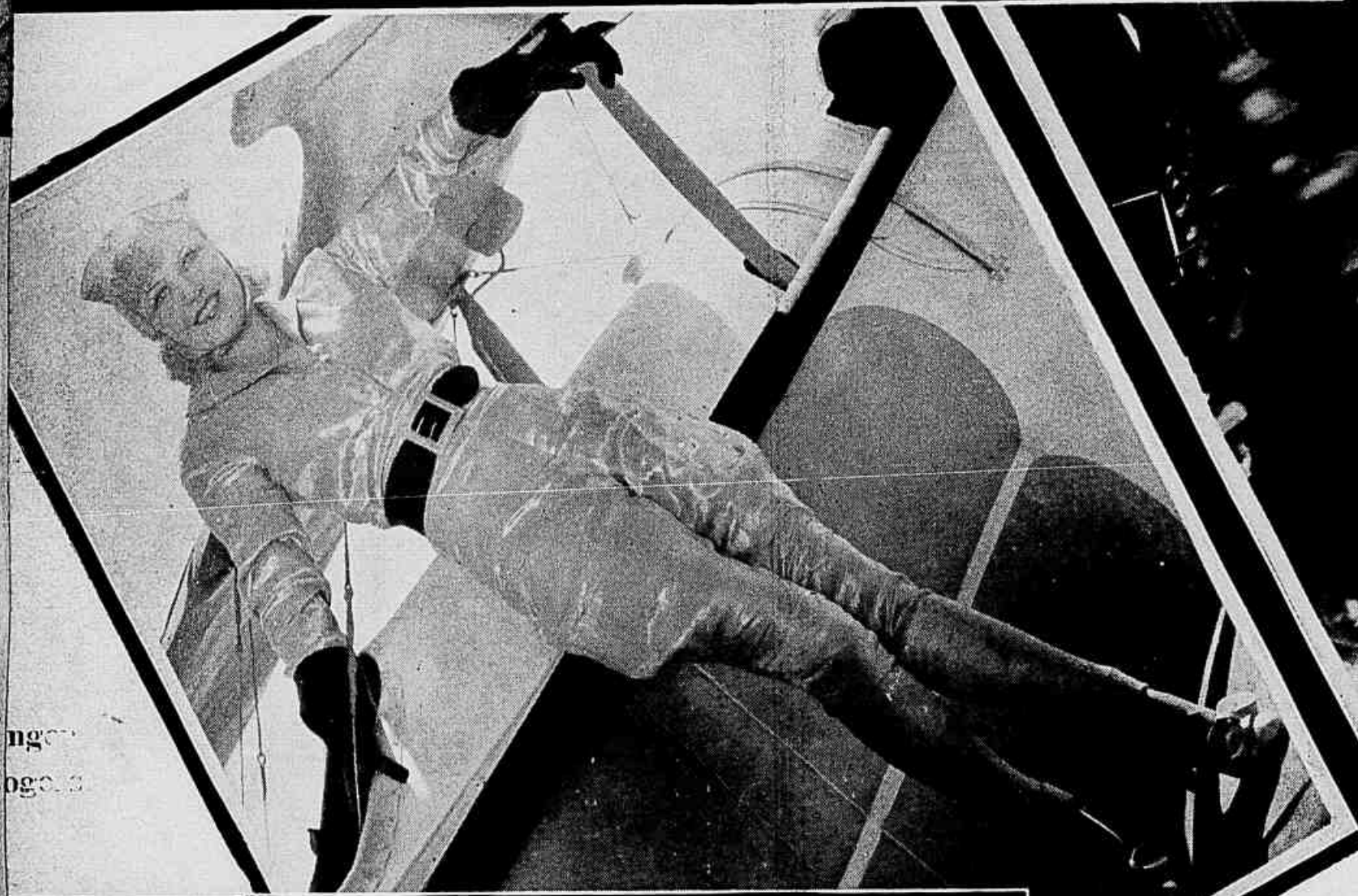
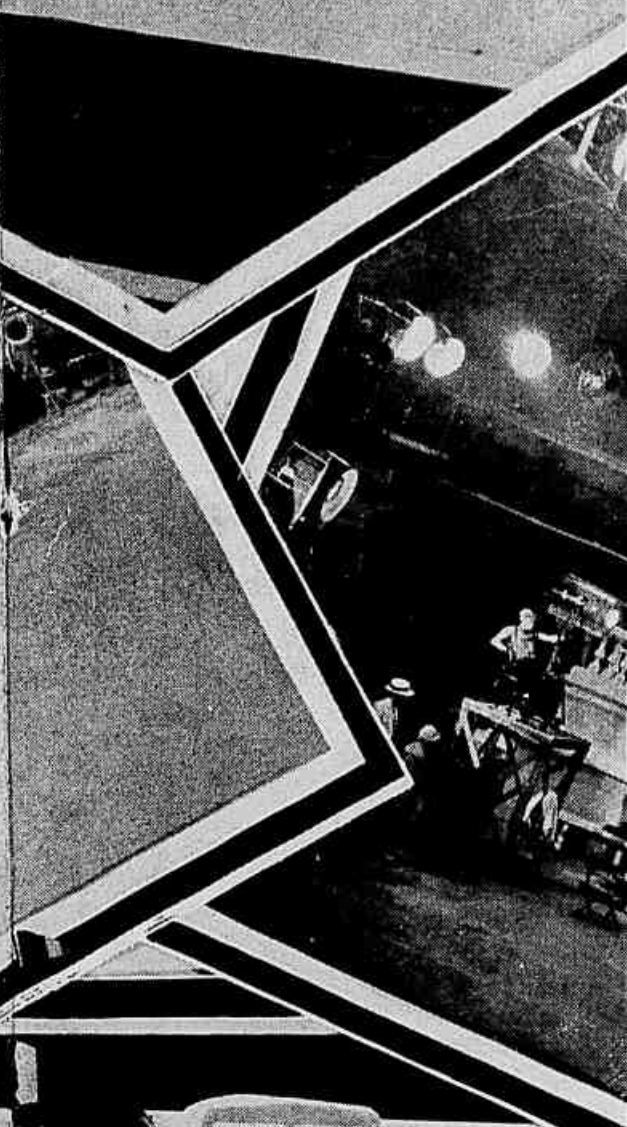
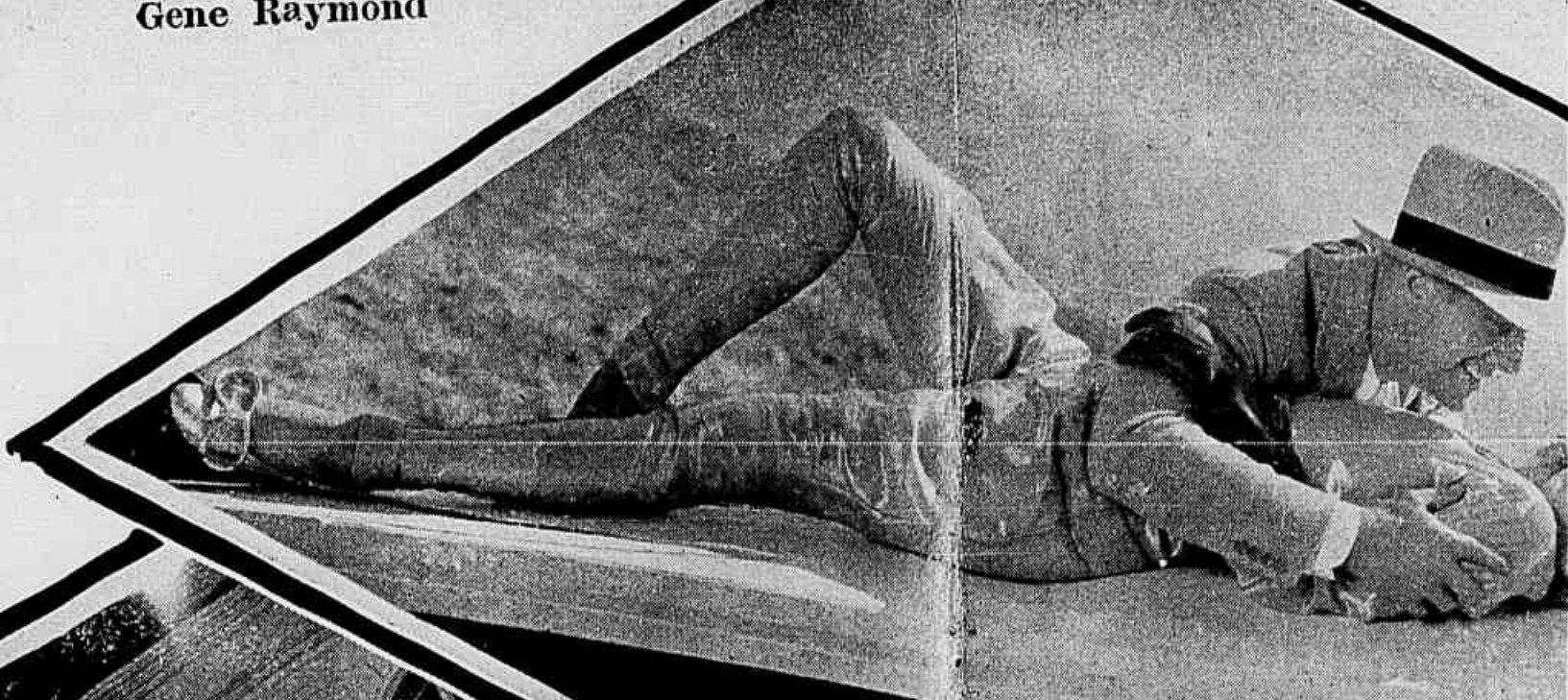
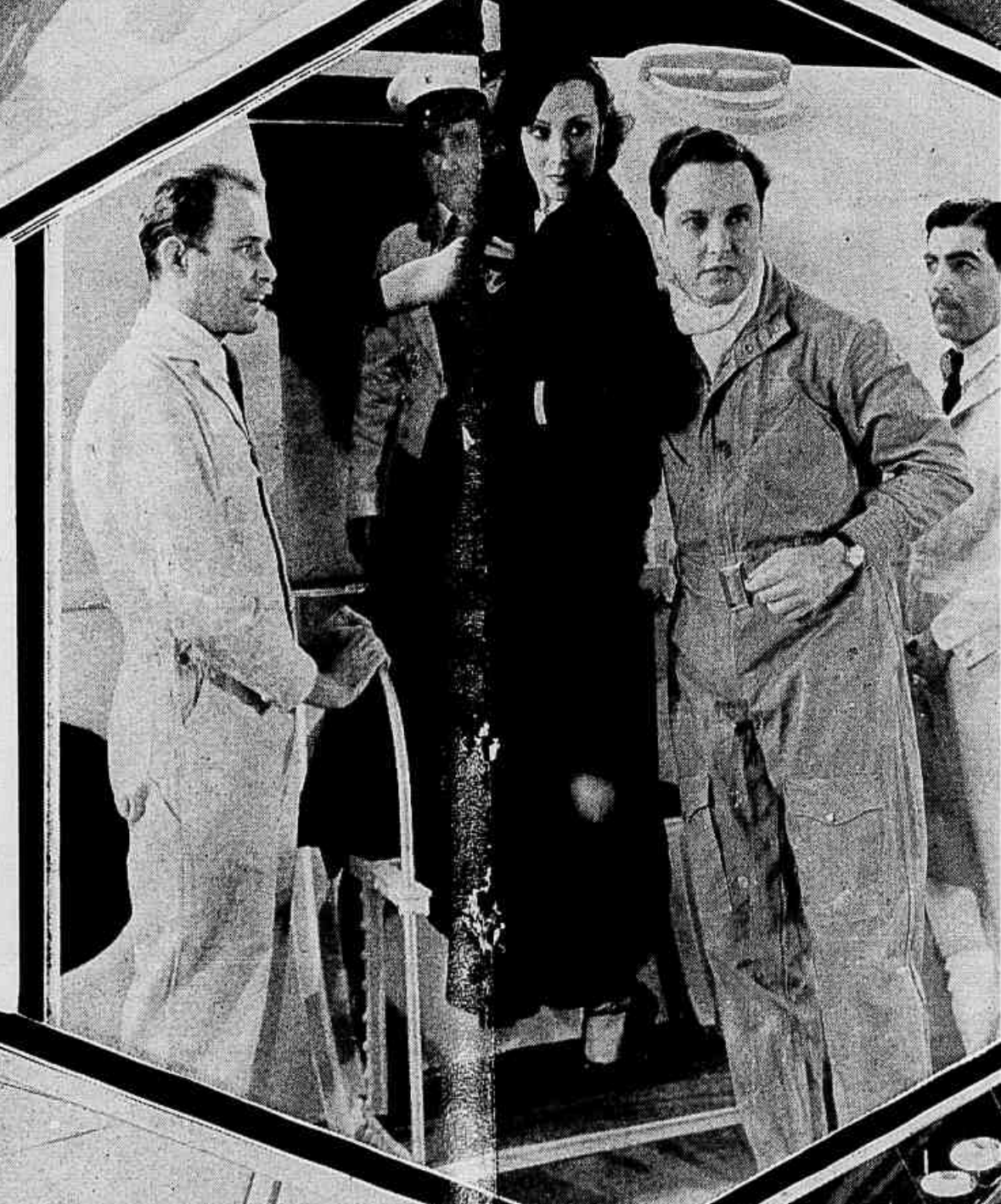
Claudette Colbert

Figuras de "It's Great To Be Alive", da Fox

Sylvia Sidney

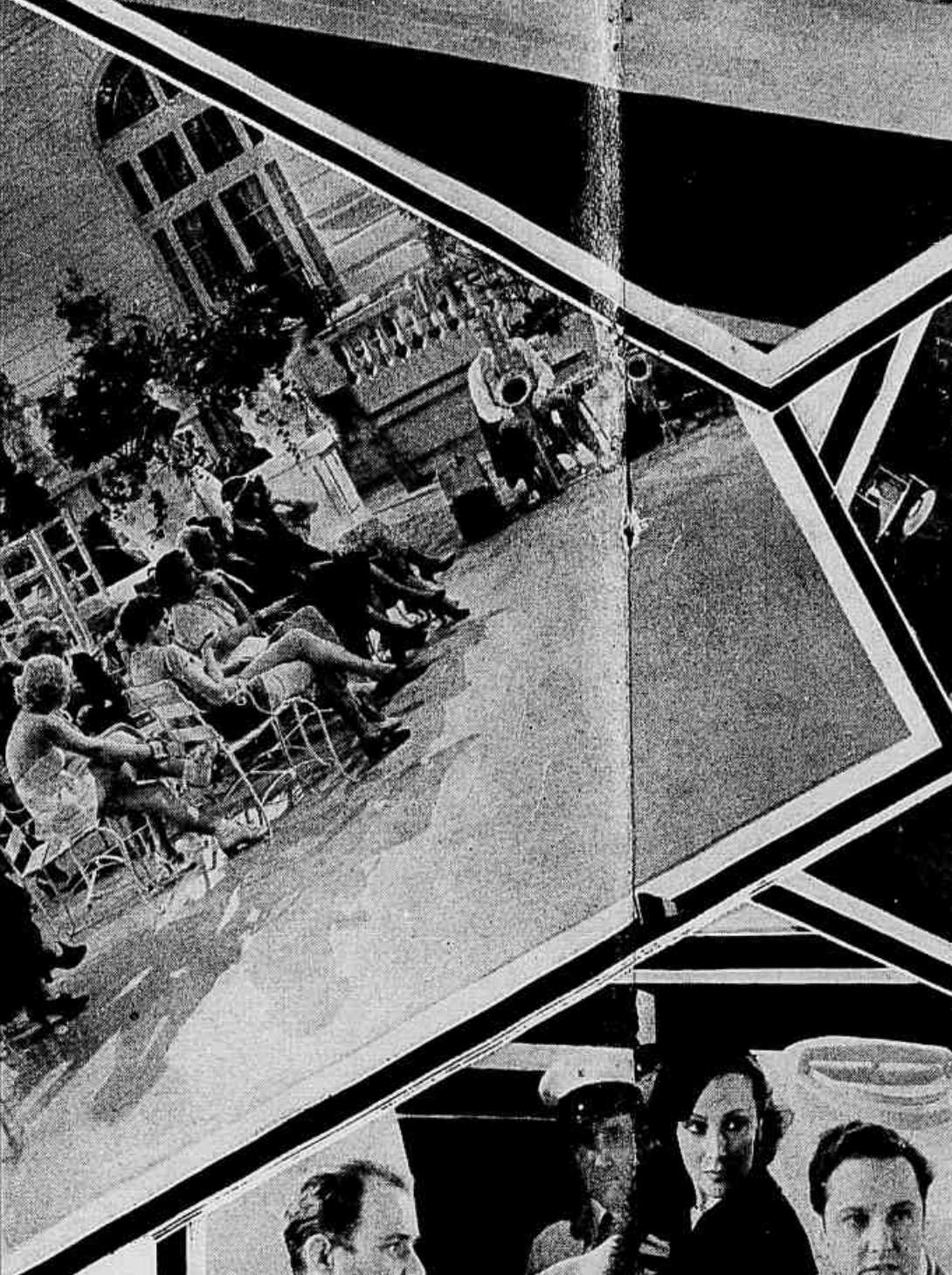
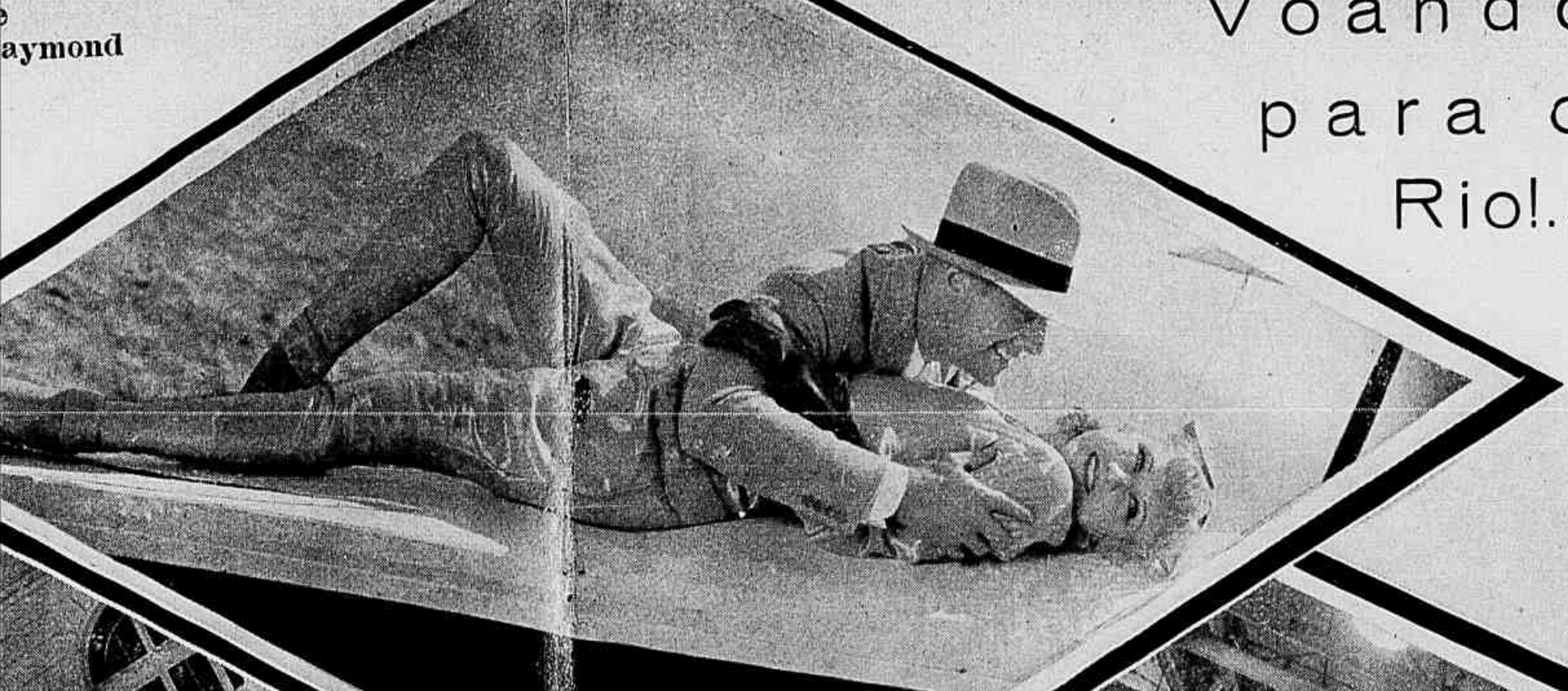
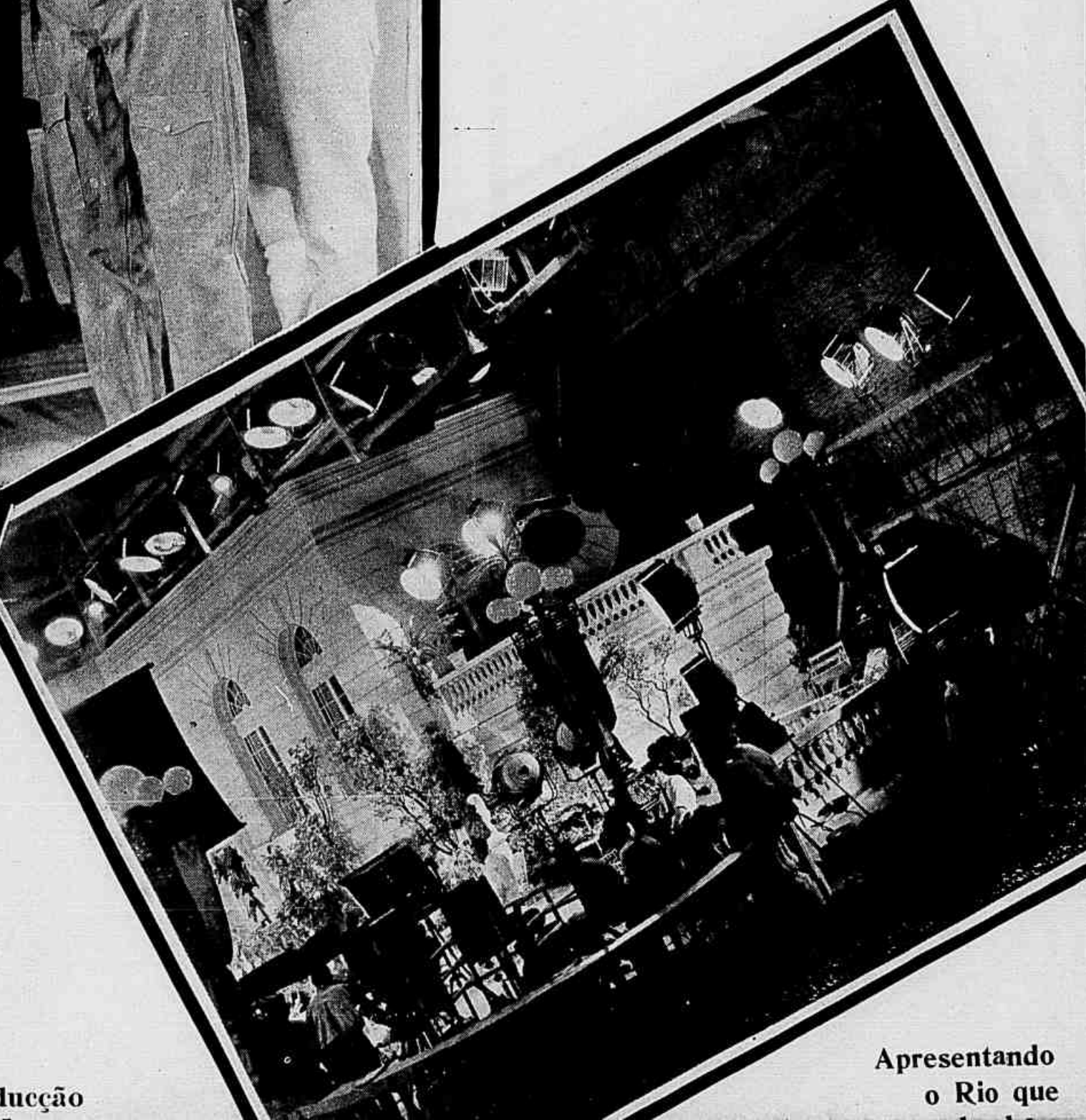
Gene Raymond

Como deveria ser um "grill-room"...

Ginger Rogers

Roulien e Dolores

Dolores e

Producção de

aymond

Voando para o Rio!...

Copacabana em Hollywood.

Apresentando o Rio que

Producção

Boris
Carloff

FILM DA PARAMOUNT

LOUISE DRESSER FAZ O PAPEL DA IMPERATRIZ ELIZABETH PETROWNA.

CATHERINE, THE GREAT O NOVO FILM DE MARLENE COM VON STERNBERG.

A HISTORIA DA "GLAMOROUS" IMPERATRIZ DA RUSSIA.

MARIA SIEBER, A FILHINHA DA ESTRELLA FAZ A SUA ESTRÉA NO CINEMA.

JOHN LODGE

Na festa do anniversario de Marie Dressler, no Studio da Metro Goldwyn-Mayer: Isabel Jewell, Sra. Sam Wood, Sam Wood que a dirigiu em "Christopher Bean", o seu Film de anniversario, e Senhor e Senhora Monta Bell.

O TRAJE de rigor na nossa terra é sempre a ameaça tragica ao conforto pessoal. O pescoço se prepara logo para soffrer as torturas do collarinho duro. Os amigos olham de alto a baixo o pobre coitado, envergando o seu "smoking" e, com pilheria, o chamam logo "penguin".

O "smoking" lembra logo um garçon da Colombo, em noite de casamento ou festa de gala na casa do senador em Copacabana... ou, então, traz á memoria um daquelles coristas de opereta italiana que é obrigado a cantar os côros — levantando suas taças, em tempo marcado pela orchestra e soltar agudos, mais ou menos, estridentes para grandes applausos das galerias.

O "smoking" ou "a casaca" no Brasil, chamam as attenções geraes — e quando um grupo entra, assim, num club do Rio — chovem as perguntas — *Onde foi a grande festa? Quem casou? Qual o deputado que festeja o anniversario da sua dilecta filhinha, a prendada senhorita etc., etc..!*

Muito bem. Cessemos com as considerações e entremos no terreno pratico das explicações.

Aqui nos Estados Unidos, o "smoking" (que aliás aqui é, apenas, conhecido pelo terno "tuxedo") é uma roupa tão pratica e tão usada como o pyjama dos domingos, uniforme official do gordo e retirado commendador que enriqueceu no alto" commercio da nossa praça e que devora o seu jornal sentado na varanda, balançando-se na sua confortavel cadeira de vime.

Aqui — até para o café da manhã, a gente é, as vezes, obrigado a trajar a roupa de rigor.

Bem — tudo isso para dizer apenas esta phrase. A Metro Goldwyn-Mayer deu um grande banquete (por pouco que eu escrevia "lauto" — como é a praxe na columna social dos diarios...)

As damas em toilettes maravilhosas — os homens de casaca ou de smoking.

Foi uma reunião elegante. Foram horas da mais agradavel convivencia, quando as estrellas sorriam, sem a obrigação de serem gentis para com os que as cumprimentavam.

Havia musica e alegria — naquella noite que ficou dentro das recordações de todos os que ali compareceram como a mais bella de quantas Hollywood sabe offerecer a sua gente.

Lembro-me agora de uns versos de uma canção popular.

"Night Shall Be Filled with Music...
Sweet Melodies of Love..."

Assim foi. Aquella noite se encheu de musica — doces melodias de amor... e por que? Para celebrar o sexagesimo segundo anniversario da grande Marie Dresler — essa figura que se fez credora de tantos elogios, da estima e da amizade — não apenas de um circulo limitado de seus admiradores, mas do mundo inteiro, onde em cada canto da terra — ella possue um "fan" exaltado, que a adora e que lhe quer muito bem.

A Metro Goldwyn-Mayer resolvera, numa homenagem publica, festejal-a. Dizer-lhe por meio de uma festa memoravel o quanto ella significa para a industria do Cinema. A sua sinceridade como artista e a sua vida privada como mulher e grande dama souberam trazer para Hollywood o apoio incondicional de grandes figuras da sociedade, das letras e das artes!

Marie é um symbolo. Marie é o theatro e o Cinema recebendo a homenagem de criticos, de politicos, de grandes personalidades do mundo inteiro. Hoje, ella é, talvez, a mais popular, a mais querida e a maior de todas as estrellas do Cinema.

E — com sessenta e dois annos, ainda continúa a trabalhar, dando todo o seu talento, a sua arte e o seu sentimento para que o mundo se esqueça, vendo-a, de suas miserias, suas tristezas e suas maguas profundas...

Na mesma noite: Polly Moran, David Selznick e Jeannette Mac Donald. Em cima, Madge Evans e Russell Hardie

E ella mereceu aquella homenagem maravilhosa, que, talvez, sómente Hollywood, com seu coração magnanimo, com sua habilidade em organizar festas, poderia lhe dar.

Imaginem um dos palcos do Studio, que se póde calcular em duas vezes o tamanho do Palacio Theatro. As decorações eram de um bom gosto unico. As paredes foram revestidas de cortinas de seda azul. Do chão ao tecto, e isto numa altura de varias centenas de metros. Era uma verdadeira symphonia em azul — de um azul suave.

Ao fundo, a mesa de honra. Junto a parede, bem ao alto em letras, feitas de rosas vermelhas — HAPPY BIRTHDAY MARIE — Feliz Anniversario Marie... os votos que estavam no coração de cada pessoa presente. Nesta mesa de honra sentaram-se Marie Dresler, Louis B. Mayer, Irving Thalberg, sua esposa, Norma Shearer, Mae Robson, Harry Raff, productor associado, Mary Pickford, Will Rogers, o famoso Sid Grauman, director do Chinese de Hollywood, sua velha mamãe, Theodore Newton, artista da Warner Bros. Polly Moran, Edgard Allan Wolfe (que estava encarregado de dirigir a fest e productores do Studio.

Innumeras eram as mesas, a que se sentaram estrellas do Studio, convidados e jornalistas. Do lado opposto do palco, fazendo frente á mesa de honra — uma orchestra de cerca de trinta e cinco musicos. Microphones e alto falantes distribuidos pela sala.

Riquissimos reposteiros, cobriam as entradas e sahidas do grande salão. As mesas estavam decoradas com lindissimas flores e as luzes jorravam de caros e authenticos candelabros de crystal.

Não se póde descrever o ambiente — faltam-me palavras para dizer a belleza dessa festa, o carinho demonstrado pela Metro Goldwyn-Mayer em receber seus convidados. O espirito de cordialidade que reinou durante toda noite... E é preciso dizer que estavam ali reunidos cerca de novecentas pessoas!

Cheguei em companhia de meus amigos — o escriptor Ben Maddox, sua mamãe, Paul Karlesky, meu grande amigo e companheiro e Maude Letham. Esta é a irmã de Mae Allison — lembram-se della? Recordam-se dos seus antigos e esplendidos trabalhos?

Ao nosso grupo se veio juntar Madge Evans — sempre gentil e cada vez mais linda, em sua belleza tão fresca, Una Merkel, o marido, e Russell Hardie, novo artista da Metro. Ficamos na mesma mesa. Pouco distante de nós — sentaram-se Otto Kruger, sua esposa, Jeanette MacDonald e seu noivo, Bob Ritchie,

A arvore de orchideas com que lhe presenteou a Metro-Goldwyn Mayer.

Jimmy Durante, Irene Franklin, cantora dos antigos theatros de New York, Nelson Eddy, famoso barytono e, actualmente no elenco da Metro Goldwyn-Mayer, Theda Bara, e o esposo, Charles Brabin, Walter Byron, Albert Grant, Randolph Scott, Clark Gable e sua elegante esposa, Mary Carlisle, Florine Mc Kinney, e outras figuras mais.

Madge Evans estava bem em frente a mim. Quando a entrevistei, falei da sua belleza! E, naquella noite, vendo-a tão seductora e tão elegante na sua toilette de velludo negro — fiquei com inveja e ciumes de Russell Hardie...

Elle estava entre ella e Una Merkel. Mas, Madge não teve para elle sómente sorrisos e palavras amaveis. Falamos durante toda a noite. Conversamos longamente e eu tive, mais uma vez, o prazer de ouvir de seus proprios labios palavras de agradecimento a CINEARTE. Pela entrevista publicada e pelo muito que temos feito em seu favor. Ella mesmo me disse: "Eu não posso olvidar tanta gentileza..."

E Una Merkel. Vocês a conhecem dos Films, não é verdade? Pois Una, na vida real, é a mesma garota engraçada e cheia de espirito. Divertiu-nos a todos, com suas pilherias e suas graças. Seu marido é um rapazola moço, sacudido e um

HOMENAGEM A Marie Dressler

(De GILBERTO SOUTO, representante de CINEARTE em Hollywood)

antigo amigo de Billy Bakewell com quem andou no collegio. Theda Bara é talvez a creatura mais myope que eu já conheci. Encontrei-me com ella pela segunda vez. Da primeira, foi quando ella visitou o "set" de *Flying Down to Rio*, durante a Filmagem.

Notei como está envelhecida. Daquella sua belleza exquisita, daquelle seu poder de seducção, daquella vampira dos outros outros tempos resta, apenas, dois olhos negros, grandes, profundos — que ainda possuem a mesma chamma que enlouquecia o mundo infindavel de seus admiradores.

Theda Bara não apparece mais em Films. Está rica. Naquella noite, porém, Theda estava mais remoçada. Trajava uma toilette de baile, toda vermelha. Seus cabellos negros eram um contraste á cor espantada do seu vestido. Não está, porém, como outras artistas retiradas, gorda e pesadona. Theda pouco mudou physicamente.

Usa um "lorgnon" de ouro e cravejado de pedras preciosas, que ella usa, chegando-o bem junto aos olhos. Aquelle "lorgnon" é a coisa mais preciosa que ella possue... Sem elle aquella festa para ella seria como a tela de um Cinema, cuja machina de projecção estivesse fóra de fóco!

E com que enthusiasmo ella applaudiu a Jeanette MacDonald — elegante, joven, resplendente em sua mocidade maravilhosa.

Que pensaria Theda ao vel-a — recebendo o applauso daquelle publico numeroso, ao terminar de cantar? Correu ao seu lado e apertou as mãos finas e delicadas de Jeanette... Estrella de hoje, uma e a outra lembrança do passado!

Jeanette cantou com aquella voz maravilhosa que é o dom mais generoso que Deus lhe deu. Cantou para delicia de Marie Dressler e para encanto dos convidados.

Cantou varias canções de *The Cat and the Fiddle*, opereta de sucesso e que ella acaba de interpretar para a Metro Goldwyn-Mayer ao lado de Novarro. Ramon não compareceu á festa, pois naquella noite, partira para o Arizona em "location". Pela amostra que Jeanette nos deu naquella noite, esse Film vae ser outro grande exito da Metro Goldwyn-Mayer.

Jimmy Durante recitou e cantou uma composição sua — naquelle seu estylo louco... Disse elle que Marie é a sua ultima paixão... desde que Greta Garbo lhe deu a lata!

Nelson Eddy cantou a aria do *Barbeiro de Sevilha* — dando a todos a prova formidavel do volume e belleza de sua voz. Cantou — para meu espanto, a aria famosa do Figaro sem o menor sotaque americano, pronunciando um italiano perfeito e bonito.

Irene Franklin, que tambem faz parte do elenco do Studio, cantou baladas e uma canção maliciosa dos burlesques de New York — dos tempos em que Marie era artista de vaudeville.

Depois vieram os discursos officiaes da noite. Will Rogers, no seu bom humor habitual, falou. Não poude entretanto terminar... estava emocionado...

Falou para os presentes, dizendo quem era aquella Marie Dressler, que elle conhece, talvez, melhor do que ninguem. Disse do seu bom coração, protegendo velhos artistas pobres. Revelou, então, a obra carinhosa de Marie, edificando e contribuindo para um asylo de velhos artistas, esquecidos da gloria e dos seus admiradores de algumas decadas atrás...

Polly falou. Vocês nem podem imaginar o mundo de pilherias e brincadeiras que ella fez no seu discurso... Terminou, declarando que preferia levar com um pastelão na cara — atirado com força por Marie, do que ser beijada por Mussolini... Esta ultima phrase de Polly Moran, ao que parece, não soou muito bem no ambiente. Talvez por isso, Marie ao falar — diz: "Sinto-me tambem grata a todas as gentilezas que me tem feito as grandes personalidades do mundo. Eu conheço Mussolini e o admiro e respeito..."

Mary Pickford fala: "Marie, creaturas como você são incentivos para proseguir mas quando me lembro de você, tão idosa, ainda trabalhando e enchendo o mundo de felicidade e sorrisos — sinto-me envergonhada de uma fraqueza momentanea.

Você é um orgulho para nós artistas. — terminando diz ella: "Marie você hoje fica mais moça... pois o tempo para você é apenas o barulho que o relogio faz!"

Lionel Barrymore é conhecido em Hollywood como pouco dado a falar em publico, mas quiz fazer uma excepção, naquella noite sublime, dizendo o muito que admira e respeita Marie Dressler.

Diz elle: "No meu ultimo Film, trabalhei com Marie. Acabamos de Filmar *Christopher Bean* e foi para mim uma honra, um prazer que não posso exprimir, ter ao meu lado esta grande figura do Cinema e uma das maiores que o theatro já conheceu".

Mae Robson fala. Ella é a amiga de Marie por mais de quarenta annos e nas suas breves palavras, Mae quiz testemunhar a felicidade que possue em ter nella uma amiga e companheira dedicada. E pilheria: "Marie eu prometto nada dizer sobre você, se me prometter tambem nada contar ao meu respeito..."

E entre um discurso e outro, entre um numero e outro, a orchestra tocava musicas lindissimas, enchendo o ar de melodias suaves, ternas e apaixonadas... Marie chorava durante todo o tempo. Estava commovida, tocada em seu coração por tanta prova de carinho e amizade.

Agora era a sua vez de levantar-se e agradecer tudo quanto lhe tinham dito e todas as demonstrações que lhe haviam feito: "Vocês todos falaram de mim e eu peço licença para discordar. Eu bem me conheço e sei que não sou tudo isso quanto a bondade de cada um me quer atribuir. Tenho sido em toda a minha vida, apenas — uma artista que ama a sua carreira. Que procurou trazer e ganhar o respeito de outras classes para a nossa profissão. Não quero acceitar esta homenagem para mim. Quero que ella seja dada a todos os meus collegas do theatro e do Cinema — a todos os que trabalham arduamente para dar ao publico horas de arte, de felicidade, de alegria e bem estar. Para os meus collegas artistas eu acceito esta homenagem tão sincera, tão amiga, tão bôa. Por elles, em nome de todos, eu quero agradecer! Depois, volta-se para o microphone e fala para Londres — para a Inglaterra. Para lá, ella envia uma mensagem de Paz e Felicidade..."

Marie Dressler entre James Ralph, governador do Estado da California e Louis B. Mayer.

Vocês sabiam que Marie é canadense de nascimento. Por isso, ella, naquellla hora, não quiz olvidar a Patria querida.

E — logo após entra pelo salão um carro immenso. Era o bolo de anniversario que pesava nada menos de cem kilos! Uma maravilha de arte culinaria!

O mestre cuca vem sentado, com orgulho e vaidade, em alta cadeira, tendo aos seus pés aquelle bolo immenso, onde estavam espetadas sessenta e duas velas, segundo o costume da terra.

Marie desce do seu logar e vae para o meio do salão, cortando a primeira fatia e pelo espaço de mais de uma hora — os garçons nada mais fizeram do que ir e vir levando um bocado do bolo de Marie a cada conviva...

As dansas principiam. Os pares rodam pelo salão. Eu passeio e observo os presentes... Em roda de Clark Gable estava um grupo bellissimo das garotas mais encantadoras que compareceram á festa. Todas disputavam a honra de uma dansa...

Mme. Gable sorria, satisfeita — sem apparentar ciumes... Mary Pickford parece que gosta da côr vermelha. Quasi sempre a vejo vestindo toilettes nessa côr e como lhe assenta bem. Mary... os annos se passam, os mezes vão e vem... e ella parece a terna juventude. Sorrindo, agradavel, gentil para com todos! Norma Shearer vestia, pela primeira vez uma das suas maravilhosas toilettes compridas, saia longa tambem... Colleante, de um "chic" encantador e que foi o commentario de muitas rodas femininas. Como complemento — e ouvi dizer que se trata da ultima palavra, ella tinha um barretinho de velludo negro com uma pena de faisão... Lembrava um pagem medieval.

Randolph Scott dansa a noite toda com uma loura divina... quem seria...? Não o pude descobrir.

Mae Clark, usando um penteado extravagante, chamava as attenções. Sorri para mim e vem ao meu encontro, apresentando-me ao seu par constante, Sidney Blackmer, que a segue com devotamento por todas as festas e por todos os bailes de Hollywood...

(Termina no fim do numero)

O actor

MAIS do que nenhum outro, elle bem merece ser chamado o actor perfeito de Hollywood.

Isto não quer dizer que se excluam aqui os nomes dos outros "azes" do Cinema, taes como os Barrymores, Huston, Laughton, Garbo, Harding, Shearer, Crawford ou Hayes.

Ha dezoito annos, para sermos mais precisos, que elle se mantem dentro da sua perfeição, trabalhando ininterruptamente para o Cinema.

Não se lhe aponta um unico deslise na carreira. Nunca falhou vez nenhuma. O seu trabalho deante da objectiva é perfeito e, mais do que perfeito, perfeitissimo. Nunca "boiou" em nenhum papel, nem nunca passou por exaggerado.

Não ha nenhum artista no Cinema que se lhe possa approximar do "record". Não ha, nem nunca haverá. Porque o nosso artista leva uma boa deanteira sobre todos os collegas e não é homem que pare no caminho.

O leitor conhece-o e já o reconheceu nestas linhas: a machina de representar de Hollywood eternamente perfeita. O artista, que não erra. O "astro" que não é "astro".

Lewis Stone.

Delle costuma dizer Clarence Brown, que já dirigiu, por assim dizer, todos os grandes nomes da Metro-Goldwyn-Mayer:

— Para mim, Lewis Stone, vale cem por cento.

Brown é um homem taciturno, pouco amigo de fazer elogios. Raramente applaude, e é justamente por isso que o seu enthusiasmo a respeito da capacidade historica de Lewis Stone assume uma significação especial, que muito honra o arista.

Brown prosegue:

— Hoje, como nos tempos do Cinema silencioso, Stone sobresahe pela sua mestria technica. E' actor para tirar mais effeito dum simples relance de olhos ou dum movimento de cabeça que muitos artistas dum sortimento completo de gestos dramaticos.

Em um dos seus melhores desempenhos, "A Perfida"

"A platéa sabe sempre o que elle está a pensar e isso é que é arte, arte verdadeira. E, entretanto, não conheço actor que represente com mais sobriedade, com mais linha e mais correcção. E' um artista que não hesitaria em collocar de costas para a objectiva. Stone representa mais com a nuca do que alguns collegas seus com o rosto inteiro! "Como director, não quero outro senão Lewis Stone".

Não ha nenhum exaggero nestas palavras de Brown.

Ha dezoito annos, Lewis representou o seu primeiro papel para o Cinema em "Honor's Altar", com Bessie Barriscale. Era já o actor competente que é hoje. Dahi para cá, fazendo mais de duzentos e cincoenta papeis, não tem produzido outra coisa senão o que os criticos chamam "actuações impeccaveis". Os "astros", que trabalham com elle, ficam frequentemente em segundo plano, pois Stone "enche" as scenas sózinho, e, muitas vezes, todo o Film.

Entretanto, cumpre dizer, o artista nunca premeditou "roubo" de Films, ou mesmo de simples scenas. Occorre o phenomeno, apenas porque Stone leva a sua carreira de actor a serio, cuidando sempre de apresentar trabalhos perfeitos. Estuda as suas interpretações na téla com a precisão dum architecto que desenha um projecto, construindo os seus caracteres com millimetrica exactidão.

Stone nunca empregou desses "trucs" tão frequentes nos actores. Não se lembram do charuto de Theodore Roberts, do andar de George Fawcett, dos tregeitos que Raymond Hatton dava á bocca, do olhar matreiro de Tully Marshall e do lenço de Theodore Kosloff? Tudo manobras de "gatunos" de scenas.

Lewis já representou mais de 250 papeis no Cinema, com toda a perfeição.

Stone não tem nada disso. Nunca precisou de "trucs". Possuindo "presença de actor", consciente e habilmente desenvolvida no sentido a valorizar a figura e as feições que Deus lhe deu, o artista sempre dominou pela sinceridade e realismo das suas caracterizações, atravez da perfeição da sua technica de representar. Nada de theatralidades demasiadas.

Chame-se Lewis Stone de "columna-mestra" dum Film, em vez de "astro" e dar-se-á uma idéa approximada da sua importancia em todos os dramas em que toma parte.

Em "Grand Hotel", por exemplo, os criticos puzeram-se a discutir a respeito da superioridade relativa da Garbo ou da Crawford; divergiram na apreciação do papel de Barrymore no **Kringelein;** mas, com relação a Stone, a opinião foi unanime: "a sua interpretação nada deixou a desejar".

Nesse Film de "astros", Stone não chegou a apparecer em duzentos pés de celluloide e apenas teve a seu cargo umas quarenta linhas de dialogo. Entretanto, o seu desempenho foi dos mais notados; synthetizou o thema da peça no principio e no fim, com aquella simples phrase "nunca acontece nada no Grand Hotel".

Em **"O julgamento de Mary Dugan"**, onde Stone fazia um dos seus raros "cynicos", não se lembram como o publico gostava delle até áquella scena culminante do final em que passava a

"Confissões de Rainha"

Menelão em "A vida privada de Helena de Troya"

perfeito

odial-o intensamente? Em "Madame X", o seu desempenho dramatico era em tudo egual ao de Ruth Chatterton. Em **"Redimida"** só apparecia no ultimo acto, mas, apesar de tudo o que já se passara, dominava a sequencia final. Em "Amor de Mandarim" os seus terriveis esforços pela felicidade de Helen Hayes e Ramon Novarro eram a verdadeira essencia do drama.

Talvez tudo isso explique por que Stone não é "astro".

Alguem tem que fazer esses "papeis essenciaes", e é sempre Lewis Stone o actor procurado.

Considerem a arte de Stone em "A irmã branca". Elle morria logo no principio da historia, mas a impressão dada no papel do velho aristocrata italiano era tão forte, que o seu "phantasma Cinematographico" enchia todo o resto do Film, influenciando cada gesto de Helen Hayes e Clark Gable.

Depois, em "O futuro é nosso", o mundo tornou a applaudir o talento de Lewis, pois representando um papel inferior ao de Lionel Barrymore repartiu as honras do Film com elle.

Muitos "fans" hão de pensar que os "astros" não podem gostar dessa eterna ameaça, que sempre os obriga a despenderem os seus melhores esforços no desempenho dos Films.

Puro engano. Todos os "astros" fazem questão de ter a seu lado essa perigosissima concorrencia!

Emil Jannings esperou semanas para conseguir a collaboração de Stone em "Alta traição" e de bom grado dividiu os louros do Film com elle. Ramon Novarro, com a sua typica cortezia latina, chama uma honra perder de vez em quando para o mestre e quer á viva força que Stone tome parte em todos os seus Films. A Garbo sempre gostou de trabalhar com elle.

Quando se fez a distribuição de "Queen Christina" ha pouco, a Garbo só exigiu dois artistas, Lewis Stone e John Gilbert.

Não faz muito tempo, nada menos de quatro grandes figuras da constellação da M. G. M. sitiaram a secção da distribuição de papeis da companhia, a solicitar os serviços deste homem que, sabiam bem, dominaria todas as scenas em que tomasse parte!

E por que? Porque Lewis Stone embora faça sombra aos grandes nomes presta-lhes inestimavel auxilio com as suas excellencias de actor.

Essa é a razão profissoinal.

A outra é que Lewis Stone sabe conquistar a sympathia de todos os collegas com quem representa.

E' um dos mais estimados e, certamente, o mais respeitado actor de Hollywood. Os "astros" temem-no, mas sabem que não podem passar sem elle!

Para comprehender bem o actor é preciso primeiro conhecer o homem.

Não ha duvida nenhuma que Lewis Stone é o cidadão mais disciplinado da colonia do Film. Um amigo delle, que é militar, costuma dizer pittorescamente que Lewis está sempre prompto para a "revista".

Tendo passado pelo Exercito (serviu como official nas guerras hispano-americana e européa, exercendo actualmente uma commissão de major no Officiers Reserve Corps), Lewis é homem de idéas directas, acuradas, serias. Distingue-se pelo aprumo militar, pela sua elegancia e correcção de maneiras, que têm a marca inconfundivel da disciplina das armas, pela dignidade que lhe vem do habito de mandar. Ha nelle qualquer coisa que fascina as platéas.

Representar é a sua missão no mundo. As interpretação que apresenta na téla pódem soffrer a analyse mais rigorosa. Estuda os papeis sob todos os aspectos, como quem planeja uma campanha qualquer. Sabe o que faz e como se faz. Os directores são unanimes em dizer que não se perde nenhum gesto com Lewis Stone.

O conde Pahlen de "Alta traição"

"Prisioneiro de Zenda

"O Aviador"

Em "Dinheiro a rodo"..

Elle acredita em "preparo". Tem vivido e viajado. Tem feito muitas coisas e conhecido muita gente. Com a sua grande experiencia, com a sua educação e com a sua cultura, enriquece os caracteres que representa. Se, por acaso, não sabe tudo a respeito do typo que tem que fazer num Film, investiga e aprende o que lhe falta. Nos momentos de folga, estuda em casa na sua bibliotheca, passeia a cavallo, entrega-se aos prazeres da caça e da esgrima, cultivando assim, ao mesmo tempo, o intellecto e o physico.

E' muito meticulado a respeito da apparencia, tanto no Cinema como fóra delle.

Durante todo esse tempo que tem trabalhado para a M.G.M., só uma vez ou duas recorreu ao grande guarda-roupa da companhia. Lewis serve-se do seu proprio guarda-roupa, que é completo.

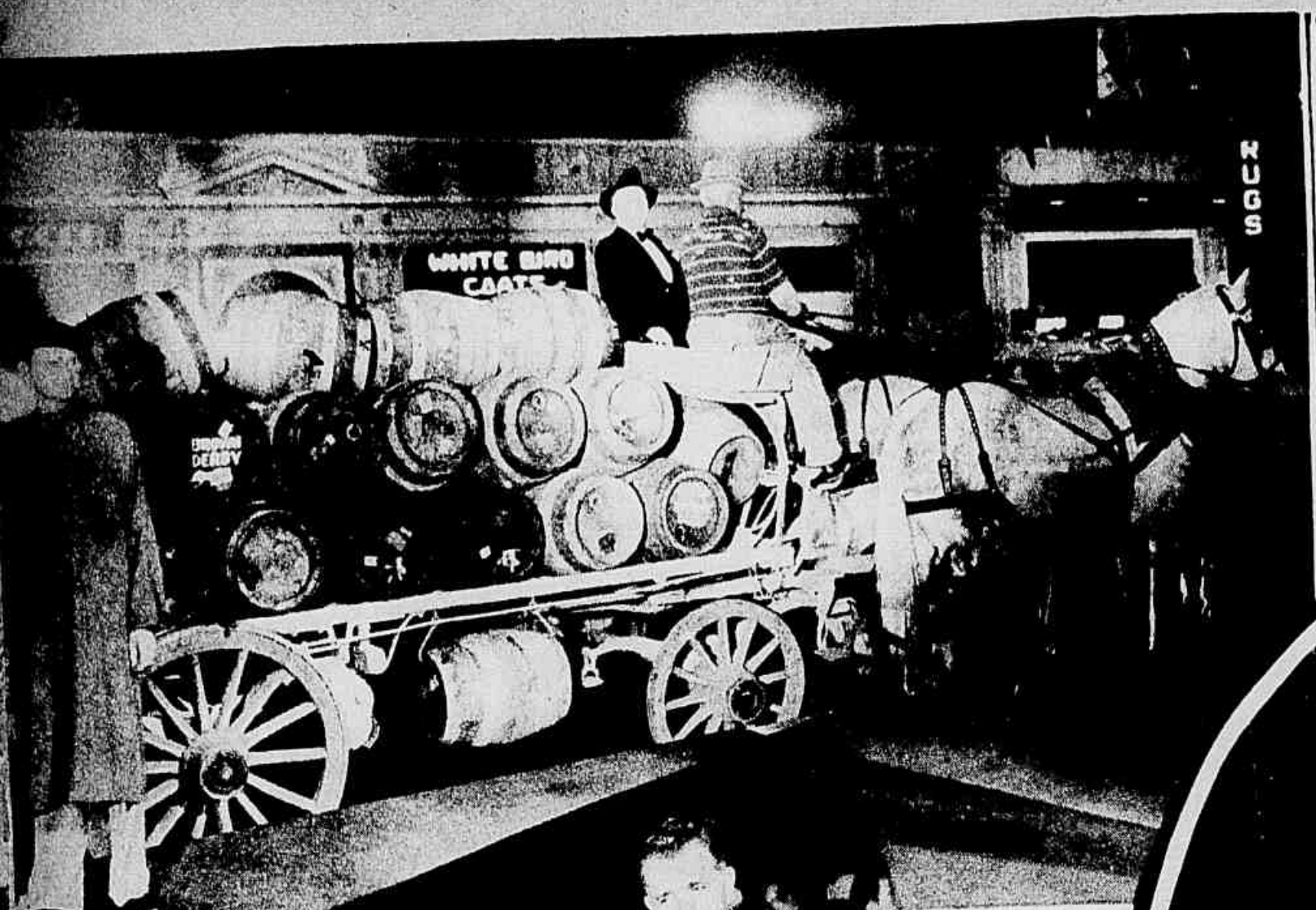
— Gosto de ser "dono" das roupas que visto.

Não se trata aqui do simples goso da posse, mas do desejo da perfeição.

Lewis chega sempre á hora ao studio, pois acha que a pontualidade é virtude de reis.

Se tem que chegar ás seis horas, não apparece dois ou dez minutos depois, mas ás seis em ponto, impeccavel, correcto, prompto para trabalhar.

E' sempre o "sr. Stone", mesmo para muitos dos seus amigos mais chegados. A gente póde ouvir dizer "olá Clark?" ou "como vaes, Jean?" quando Gable ou Jean Harlow chegam ao trabalho, mas com Lewis o cumprimento é outro. "Bom dia, sr. Stone", dizem actores, technicos e ensaiadores. Nunca ninguem se lembraria de lhe dar o nome de "Lew". Não é possivel. Ha em Stone um cunho aristocratico, que é innato, e que prohibe essas familiaridades.

(Termina no fim do numero)

W. C. FIELDS CHEGOU ASSIM DE CARROÇA AO CINEMA.

Randolph Scott e Vivian Gaye.

Arline Judge, Charlie Ruggles, Sally Eilers e o director Wesley Ruggles.

Mae West

O "OPENING" DE "I'M NO ANGEL" DE MAE WEST, NO "CHINESE", de Hollywood

Os casaes Buster Crabbe e Kent Taylor.

Douglas Mac Lean, Lorraine Mac Lean, Morgan Adams e senhora

Ruth Roland e Ben Bard.

George Raft e Marjorie King.

AMO ESTE HOMEM

BRAINS STANLEY é um dos mais elegantes homens de "negocios". Na arte de tirar dinheiro dos outros elle é um mestre. E para o negocio de agradar as mulheres, elle tambem tem a mesma sorte e geralmente consegue tudo aquillo que deseja.

A lourinha Grace, entretanto, é differente de outra qualquer pequena que elle tenha conhecido.

"Brains" encontra-a, cortando a frente de um "Rolls-Royce", no qual ella estava passeando. O "chauffeur" pára o carro em tempo, porém "Brains" pretende "ser ferido" e sobe no carro de Grace... Ella conhece o seu "truc", mas ao contrario de se indignar com a esperteza do "D. Juan", acha aquillo um divertimento. E "Brains" acompanha Grace até o seu destino, para conhecer afinal que o "Rolls-Royce" pertence a protectora da moça, que não é outra cousa senão uma operaria da Missão Bowery. Mas isso nada importa para "Brains", porque elle está interessado é por Grace e depressa conhece que ella ainda está mais interessada por elle. Elle admitte com alegria o "I Love You", que ella lhe diz...

x x x

"Brains lê num jornal que varias centenas de milhares de dollars, em bom licor, foram roubados de um deposito do governo. Isto lhe suggere uma idéa: contracta Mousey e Driller, dois contrabandistas, como seus assistentes e dirigi-se para Labels Castellano, contrabandista-chefe na cidade, offerecendo-lhe uma "excellente" partida de licor que tem para vender.

Lobels experimenta um dos barris e apreciando o boa qualidade do licor, compra todo o "stock" de "Brains". Mas depois do negocio fechado e o vendedor retirar-se, Labels descobre que os barris continham apenas chá! E' que "Brains" adaptara a cada barril um cylindro na bocca, no qual puzera licor para tapear. E Labels experimentára o liquido da parte do cylindro...

Mas Labels em vez de indignar-se com o "truc" de que "Brains" lançára mão para roubal-o, admira o genio inventivo do homem que lhe enganou e pensa em aproveitar o "truc", passando o "chá", para outro contrabandista...

Mas isto não o impede de ameaçar "Brains" com um "convite" amavel, se elle não se retirar da cidade, immediatamente.

"Brains", nesse meio tempo, perdeu tudo o que ganhou, no jogo com Ace e quando Mousey e Driller pedem a sua parte no "negocio", "Brains" levando a sua audacia ainda mais longe, paga-os com dinheiro falso.

Voltando ao seu hotel, afim de preparar-se para deixar a cidade, "Brains" encontra-se com Grace. E ella comprehendendo a sua fuga, diz-lhe que conhece toda a vida delle, que o ama e o acompanhará.

Bravamente ella o segue através do paiz, na fuga. As artimanhas de "Brains" trazem-lhe fortunas, que elle da mesma maneira perde no jogo.

Eventualmente, "Brains", inventa qualquer cousa, que de uma tratantagem se transforma num negocio licito: vender cofres de vidro. E o negocio é tão bom que cedo elle se acha estabelecido, de sociedade com um fabricante de vidros, commerciante idoneo, de grande prestigio na praça.

Grace então, vertiginosamente, sente-se feliz, até que Ace apparece em scena... Para impedir que "Brains" perca o seu negocio, ella arranja dinheiro e o entrega ao Socio de "Brains" no negocio de vidros. Mas tambem Driller e Mousey apparecem reclamando a sua commissão no negocio com Castellano. Para satisfazel-os, a pequena abre o cofre do socio de "Brains" onde uma dolorosa surpreza a espera: nada alli se achava. O homem fugira com todo o dinheiro.

Incapaz de conseguir dinheiro, enfrentando a morte das balas dos contrabandistas, "Brains", para resolver a situação, desenvolve um novo plano de incrivel audacia: propõe aos contrabandistas desalojar os occupantes de um apartamento sobre um banco, para penetrar neste e arrombar a caixa forte.

Elles levam avante o plano e um a um, os habitantes do apartamento: um dentista, a creada, um velho, um italiano, e uma mulher que está para ter um "baby"...

As linhas telephonicas são cortadas e todos os cuidados tomados para evitar fracasso do assalto e Grace e "Brains" são forçados pelos contrabandistas a entrarem tambem no banco.

Mas a policia descobre-os e cerca o predio. O horror da situação cresce cada vez mais.

Mousey pensando que Grace é a responsavel pela chegada da policia, se arremessa sobre ella. Defendendo-se, ella arremessa sobre elle a tócha de acetylene, emquanto Driller procura alvejal-a, mas "Brains" collocando-se á frente da mulher que ama, é mortalmente ferido pelo bandido.

x x x

No hospital da prisão, "Brains" está morrendo, quando Grace alli chega para vel-o e traz comsigo um capellão, para casal-os.

Ella verga-se sobre os joelhos, emquanto o padre começa a ceremonia nupcial...

(I LOVE THAT MAN)

FILM DA PARAMOUNT

"Brains" Stanley	Edmund Lowe
Grace Clark	Nancy Carroll
Labels	Lew Cody
Drillers	Robert Armstrong
Mousey	Warren Hymer
Ethel	Dorothy Burgess
"Stenographa"	Suzan Fleming
Harper	Harvey Clark
Dentista	Grant Mitchell
Cohen	Lee Kohlmar

Director — HARRY JOE BROWN

oooOooo

A R. K. O. contractou Thelma Todd a longo prazo. Seu primeiro trabalho será em "Strictly Dynamite"

x x x

"Great Adventure" o Film de Lillian Gish com Roland Young, passou a chamar-se "His Double Life". Este Film é uma comedia phantastica.

x x x

Myrna Loy será a heroina de Clark Gable em "Streets of New York", da Metro, dirigido por William Wellman.

Dorothy Dell, a "Miss Universo 1930" apparecerá em "Good Dame", de Sylvia Sidney, da Paramount.

x x x

"Dinner at Eight" é parodiado por Charlie Chase em "Luncheon at Twelve", da Hal Roach

Ruby da Rua 42

RUBY KEELER é uma surpresa. A estar de accordo com o genero de vida, que adoptou desde cedo, devia ser uma dessas pequenas espertalhonas contra as quaes é precisc olho vivo, pois aos treze annos de edade era já dansarina dum "cabaret". Ou, então, podia perfeitamente compenetrar-se da sua importancia e fazer de joven matrona emproada, dessas que só olham para a gente de muito alto. Não é ella a esposa de Al Johnson, um dos mais populares e ricos actores do theatro? Ruby podia ser uma coisa ou outra, ou as duas coisas ao mesmo tempo, que tinha desculpa. Mas não é nada disso e, por essa razão, é que a chamamos "uma surpresa".

No fim de contas, Ruby nada mais é do que uma dessas jovens que passaram uma infancia tranquilla a sonhar, e que um bello dia trocaram a casa dos paes pela do marido. Cabem-lhe muito bem os adjectivos **decente, modesta, gentil** e **sincera,** pois a sua infancia não se passou nas "nurseries" nem nos jardins; mas á luz dos reflectores dos clubs nocturnos.

No meio da noite, quando as pequenas da sua edade dormiam em casa, Ruby bailava sobre um chão encerado, brilhante como um espelho. Na sua innocencia, não via como os olhos dos homens se cravavam avidamente nas suas formas de adolescente. Talvez a protegesse o anjo da guarda, ou, então, ella e a mãe eram sufficientemente atiladas para illudirem sempre a maldade do mundo.

Os jornalistas entrevistaram-na ha pouco na sala de recepção da Warner Brothers, em New York.

O nome de Ruby estava em grande voga. "Rua 42" puzera-a no mappa do Cinema e "Cavadoras de ouro" não fizera senão augmentar-lhe o prestigio. As férias que passou em New York foram um turbilhão de entrevistas, de photographias e de publicidade graciosa. O grande exito alcançado num espaço de tempo tão curto não a encheu de empafia, nem a fez esoinotear de contentamento. Sentada, numa attitude modesta, quasi acanhada, respondia tranquillamente ao que lhe perguntavam, sem tremuras na voz, e sem arquear as sobrancelhas com um ar importante.

A cor do vestido dizia com o azul dos olhos, um azul profundo, extraordinario. Ruby tem olhos muito pestanudos, não raspa as sobrancelhas, e as faces são tão rosadas que não necessitam de pintura. E' uma carinha mimosa. Nariz pequeno, bocca seria — uma honesta e meiga face irlandeza, onde fulguram dois olhos enormes.

— Gosta do Cinema?

— Oh! Muito, embora me sentisse acanhada no principio. Comecei com muita sorte. Em "Rua 42" fiz uma joven nova em theatro e cheia de medo. Um papel que dizia á maravilha com o meu verdadeiro estado de espirito. Um jornalista escreveu que das duas, uma: ou eu era uma grande actriz ou fizera o papel terrivelmente emocionada. Estive quasi a mandar-lhe uma carta, confirmando a segunda hypothese.

Ruby não liga grande importancia ao que faz na téla, mas espera vir a ser uma boa actriz. As suas ambições são calmas, sem ansias e sem desesperos. A sua serenidade de espirito não lhe permitte exaggeros inuteis. Explicando a sua entrada para o theatro aos treze annos, fal-o com simplicidade, sem procurar dramatizar as coisas.

— Meu pae adoeceu, e eu como mais velha, naturalmente...

Dansa desde os tres annos. Nessa idade, os paes trouxeram-na de Halifaz, no Canadá, para New York. A sua vocação para a dansa de tal modo se revelou nos bailados escolares que a familia a matriculou num instituto profissional. Foram seus condiscipulos, nessa epoca William Janney, Gene Raymond, Lilian Roth e Marguerite Churchill.

Aos treze annos, o pae cahiu-lhe doente, e Ruby achou que já estava em condições de ajudar a familia. Como era uma creança agil e graciosa, logo arranjou collocação no coro duma revista chamada "The Rise of Rosie O'Reilly". Continuou a trabalhar firmemente nos "cabarets" e nos theatros da Broadway.

Trabalhou no "El Fey Club" da dynamica e mallograda Texas Guinan, sendo uma das que se beneficiaram com a celebre phrase de Texas: "Dá a tua mão a esta menina". Não se lembra de haver brincado com bonecas, excepto quando era ainda um bébé. Inda muito creança, trocava a noite pelo dia, mas graças á sra. Keeler, nunca perdeu as cores, nem adquiriu olheiras.

Dormia até depois do meio dia e jantava á noite. A's dez ou ás onze, chegava ao club, e, durante toda a noite, não ouvia senão o bater dos copos, as melodias das orchestras e o ruido dos applausos. Ao seu camarim, iam parar cestas de flores, com cartões de millionarios. Mas, nesse camarim, sentava-se a paciente sra. Keeler toda a noite.

— Minha mãe, diz Ruby, nunca foi o que se chama uma "mãe de theatro"; não intervinha em nada. E essa era a melhor e mais sabia protecção. Sendo eu uma creança, gostava muito de ficar accordada toda a noite e de dansar como uma pessoa grande. Assim, minha mãe nunca se entristeceu.

"Tinha muito cuidado com a minha alimentação e horas de somno e, nesse ponto não transigia, mas, no camarim, estava apenas presente para me ajudar a vestir e participar do meu contentamento no meio daquelle explendor. Nasceu assim uma grande confiança entre nós duas. Divertiamo-nos **juntas** com as intrigas e pequenos dramas que se desenrolavam todas as noites naquellas mesas. E, desse modo, ficavamos isoladas daquelle mundo, quasi como simples espectadoras."

(Termina no fim do numero)

CAROLE LOMBARD

Vestido côr de ouro com a cauda côr de tomate...

Para as noites de Hollywood...

Modelos de Tavis Banton...

Nossa velha conhecida que a Metro reformou...

Carnaval vem ahí...

Dorothy Jordan.

Lottice Howell

Fay Wray

Toby Wing

William Backwell.

O crime do seculo

O rei do volante

Pela vida de um homem

As 4 sabidonas

O segredo da alcôva

BELLEZA A' VENDA (Beauty For Sale) — M.G.M. — Producção de 1933.

O Film aborda o mesmo thema sobre o casamento que vimos em **A Rival da esposa** mas de uma maneira differente, mais Cinematographica.

Aqui vemos 3 pequenas enfrentando o mesmo problema moral e cada qual tira delle uma solução differente. Isto faz lembrar tambem **Noivas ingenuas**, de Joan Crawford. Mas só quanto ao estudo das 3 garotas, pois no mais o Film tem o seu interesse proprio — é uma esplendida diversão.

Elle apresenta um pouco de tudo, predominando a comedia e que optima comedia! Ha romance, ha sentimento e ha momentos dramaticos — estes contidos na parte de Florine Mc Kinley que é, aliás, muito boa.

Richard Boleslavsky desta vez dirigiu melhor e com muito mais Cinema. Elle soube preparar admiravelmente a situação das tres pequenas, no **climax** do Film.

Ha observações muito curiosas sobre um instituto de belleza e certos angulos no photographar, que realçam muito o trabalho e ajudam fortemente o espirito da historia. Aquella scena em que as tres garotas falam sobre a chuva, exemplo.

O elenco marca boas **performances**. Madge Evans desde **Amor e Coragem** não tinha um desempenho tão completo e tão encantador. Alice Brady de novo como uma creatura frivola e espalhafatosa, domina as scenas em que entra. A Brady sabe fazer estes papeis com uma graça unica. E aquella sua paixão pelos cachorros é verdadeira.

Otto Kruger, veterano dos Films da Triangle e um nome famoso nos palcos norte americanos, é uma figura repleta de distincção exteriorisando um talento invulgar. Una Merkel, como sempre, um elemento de valor na comedia. Florinne Mac Kinley além de um rostinho encantador é uma promessa artistica.

Isobel Jewell, a telephonista pedante, é uma artista muito curiosa. Phillips Holmes faz bem o que tem a fazer, mas seu papel é insignificante. May Robson, Eddie Nugent e Hedda Hopper tambem agradam e completam o elenco: Louise Carter, John Roche, Carles Grapewin e Maidel Turner. Argumento baseado na novella **Beauty,** de Faith Baldwin. Zelda Sears e Eva Greene fizeram um bom scenario. James Howe operou.

Cotação: — BOM.

A MULHER QUE EU AMEI (I Loved a Woman) — First National — Producção de 1933.

Edward Robinson em outro Film estylo biographia como **Sonho Prateado.** Superior a este, sem duvida, mas apresentando o mesmo defeito: é um Film de astro. Isto é, um Film cujo valor é todo pessoal e a elle a essencia Cinematographica é muito sacrificada.

O Film tem qualidades que o elevam acima do nivel normal de fita de linha, mas falta-lhe algo no aspecto geral — construcção mais Cinematographica, supervisão mais cuidada, um **quê** de direcção talvez... — para tornal-o uma obra notavel. Elle torna-se, ás vezes, falho de realidade, logica e até contradictorio. Aquillo de todos no Film andarem sempre numa furia contra Robinson, por exemplo, é falso.

Por esta razão, a historia tragica de um sonhador e da desmedida ambição inspirada por um grande amor, não chega a ser um Film esplendido. Entretanto é um trabalho bonito, com passagens que emocionam.

Analysado em fragmentos, surgem esparsos pelo Film, trechos dramaticos que são pequenas maravilhas. Aquelle em que a cantora (Kay Francis) insufla em Robinson a ambição que o levaria ao pinaculo e á ruina, é um delles.

A parte de Genevieve Tobin, a esposa ciumenta que espera annos pelo seu dia de vingança, é uma das boas cousas do Film. E a scena em que ella o diz a Robinson, é outro grande momento do Film. A sequencia em que Genevieve vae espionar o marido, tambem é esplendida.

Edward Robinson: o artista magnifico de sempre. O papel de Kay Francis é pequeno, tratado quasi superficialmente e não o que o titulo do Film suggeria. Mas está feito com aquelle **charme** todo especial, que caracterisa Kay Francis como a morena **differente** do Cinema...

Genevieve Tobin continua subtil, macia e insinuante. O seu desempenho encanta. George Blackwood promette. Murray Kinnell, Robert Barrat, J. Farrel Mac Donald, Robert Mac Wade, Lorena Layson, Henry Kolker, Edwin Maxwell, Walter Walker, E. J. Ratclife, William Mong, Paul Porcasi, Morgan Wallace e Claude Gillingwater são figurantes apenas.

Baseado na historia de Lou Heifetz e Winifred Dunn: **Red Meat,** que foi o titulo anterior do Film. Alfred Green tem alguns bons momentos na direcção mas outros nem tanto... Um Film bonito, que agrada e emociona, mas não chega a enthusiasmar.

Cotação: — BOM.

As 4 SABIDONAS (Ladies Must Love) — Universal — Producção de 1933.

O material é dos mais fracos mas a direcção de E. A. Dupont é tão fina, tão macia, que faz delle uma comedia fina, divertida.

E' verdade que sua graça não é para qualquer platéa, mas os "trucs" das "gold-diggers" afim de explorarem os "trouxas" agradará a todos. Principalmente as figurinhas lindas das "mordedoras"...

Todas as scenas em que entram as 4 sabidonas são agradabilissimas e a luta é um numero! A sequencia em que Dorothy Burgess, Sally O' Neil e Mary Carlisle escutam a declaração de Neil Hamilton para June Knight, vale milhões!

Além de diversão, o Film tem qualidades que deliciará aos "fans". Elle traz pelo seu desenrolar uma série de detalhes interessantissimos, de pequenas observações tão admiraveis e finas, que **até nos faz crer estarmos assistindo um daquelles Films silenciosos onde a camera dizia maravilhas. Aquella fusão entre as "gold-diggers", para se aproveitarem do emprego de June Knight, é uma observação muito ironica e intelligente em que Dupont satyriza com felicidade, certas theorias muito em discussão...**

Os dialogos estão muito bem applicados e ha alguns numeros musicaes. Aquelle do final, com as pequenas vestidas de tyrolezas, é muito interessante.

June Knight, bailarina e cantora dos "cabarets" new-yorkinos, que já tem trabalhado em outros Films como "double" em scenas de bailados, faz uma boa estréa como "star". E' uma loura estupenda, radiante de "it"... Canta com muita seducção e aquelle numero logo no inicio é o melhor.

A interessantissima Dorothy Burgess, a adoravel Sally O'Neill e Mary Carlisle (desta vez encantadora) completam o quartetto. Neil Hamilton é o galã. Virginia Cherrill apparece quasi como extra...

Maude Eburne, George Stone, Oscar Apfe, Edmund Bresse, Arthur Hoyt, Richard Carle, Berton Churchill e Walter Walker figuram. De uma peça de William Hurbult com scenario optimo de John Francis Parkin, mas que soffreu a influencia do director. Vejam como Dupont de uma velha historia de "gold-diggers" fez uma deliciosa comedia... Mas é pena que elle voltasse á Universal (de onde sahiu ha annos deixando um Film pela metade...) com um material tão fraco como este. Dupont é director para cousas de mais valor.

Este Film, chamou-se anteriormente: "Lillies of The Field", "Lillies of Broadway", "Ladies of Broadway", "Park Avenue Ladies", "Four Wise Girls" e "Ladies Must Live".

Cotação: — BOM.

SO' PARA SENHORAS (Reserved for Ladies) — Paramount.

Um Flimzinho inglez explorando o assumpto de Ernest Vadja que serviu para um daquelles finos trabalhos que Adolphe Menjou nos apresentou, ha annos, na propria Paramount. Lembram-se do "Garçon galante"? "Só para senhoras" talvez não seja melhor, mas tem aquelle mesmo cunho de finura, graça e elegancia da outra versão. E até parece que Leslie Howard convence mais no "maitre d'Hotel"...

Elizabeth Allan vivendo, uma pequena moderna, está ainda mais bonita e interessante do que em "O futuro é nosso" e Benita Hume é quasi "vampiro", outra vez. Desta vez ella cede as honras do Film a Elizabeth, mas a sua apresentação, põe em relevo todos a fascinação desta deliciosa pequena que é Benita.

O principio do Film é interessantissimo. Boas piadas. Bons typos e o rei é um "numero". Esplendidas as sequencias nos Alpes. Um Film para platéas finas, mas agradará a qualquer publico.

Direcção agradabilissima de Alexander Korda.

Não percam.

Cotação: — BOM.

O CRIME DO SECULO (The Crime of The Century) — Paramount — Producção de 1933.

Em materia de Film mysteriosos este é um dos que conseguem manter o interesse e o mysterio até o momento preciso e sem entrar por grandes absurdos. Aquella interrupção, com a pergunta á platéa, é até uma originalidade bem interessante.

A TELA EM

Jean Hersholt sabe-se muito bem na sua difficil parte. Wynne Gibson faz mais um daquelles papeis maliciosos, nos quaes vae tão bem. Stuart Erwin agrada e Frances Dee, David Landau, Gordon Westcott, Robert Elliott (o melhor detective dos Films) Bodil Rossing, William Janney tambem apparecem.

William Beaudine, dirigiu.

Cotação: — BOM.

PELA VIDA DE UM HOMEM (Penthouse) — M.G.M. — Producção de 1933.

Melodrama genero policial, apresentando bom "suspense" e emoção — apesar do material não ser dos mais originaes e das inverosimilhanças peculiares aos Films que lidam com "gangsters" e figuras da sociedade, vistos pelo prisma de Hollywood.

Mas vale a pena ser visto. E' um Film de recursos, bem dirigido — movimentado e emocionante. A maneira como Warner Baxter ajudado por Myrna Loy, vem a denunciar o assassino de Mae Clarke, agrada e prende. Além disso o Film tem bons momentos comicos, "conflicto" amoroso muito interessante — como o "affair" temperado de fino humor entre Warner e a fascinante Myrna.

Esta surge-nos deliciosa de malicia e espirito num papel agradabilissimo. Warner Baxter, na sua especialidade. Mae Clarke apparece pouco e morre mais uma vez. Mas está bonita como nunca...

Phillips Holmes, Marlhe Sleeper, Charles Butterworth vão muito bem nos seus respectivos e curtos papeis. Hat Pendleton, o "gangster", é a melhor "bola" do Film. C. Henry Gordon, Raymond Hatton, Robert O'Connor, Arthur Belasco, George Stone e Thereza Harris são os outros componentes do elenco.

A historia é de Arthur Somer's Roche com scenario de Frances Goodrich e Albert Hackett. W. S. Van Dyke dirigiu muito bem e é um assumpto do seu genero.

Cotação: — REGULAR.

O HOMEM SOLITARIO (The Solitaire Man) — M.G.M. — Producção de 1933.

Comedia dramatica sobre aventuras de ladrões elegantes e desenrolada

quasi toda ella, no interior de um avião "en route" de Paris para Londres.

O scenario não apresenta garnde originalidade, mas o Film não deixa de ser interessante e manter emoção — para o "fan" "torcer" pelos personagens.

Boas situações e fina comedia. Quasi todo o conflicto é mais mental do que material e bem imaginado, com uma confecção não maravilhosa, mas boasinha e interessante.

Um Film, emfim calmo, despretencioso que agradará particularmente aos apreciadores do genero e dos artistas que o interpretam.

Herbert Marshall é de novo um ladrão e com que linha, com que imperturbavel elegancia elle o faz! Elizabeth Allan é o encanto da fita, fazendo uma gatuninha que só não rouba o Film... porque os outros tambem são ladrões... Mary Boland como uma americana tagarella, encarrega-se de grande parte da comedia e está optima. Ralph Forbes, Lionel Atwill e May Robson apresentam bons trabalhos.

Lucille Gleason, Robert McWade, Murray Finnell, Lawrence Grant tambem figuram. Adaptação de James Mc Guire da peça de Bella e Samuel Spewak. Jack Conway dirige e eis ahi a razão porque o Film não é melhor. Mas apesar dos convencionalismos é uma boa diversão. E o "homem solitario" apparece sempre acompanhado...

Cotação: — REGULAR.

SIMONE E' ASSIM (Simone est com'ça) — Paramount — Producção de 1932.

REVISTA

Uma das mais acceitaveis comedias produzidas pela Paramount na França, se bem que seja mais um "vaudeville" com pimenta á valer... (Mas desta vez, tambem, a thesoura entrou em acção).

E' que o tratamento dado ao Film tem um cunho de photogenia agradavel e fugiu um pouco do theatralismo das outras comedias que vimos. O inicio é optimo e bem Cinematographico. Mas já as scenas finaes...

Ha um acompanhamento musical pelo Film, mas as canções não vem á proposito.

A encantadora Meg Lemonnier tornou-se uma artista deliciosa e ella faz o Film agradar. Henry Garat continua um dos melhores galãs do Cinema Francez. Davia e Pierre Etcheparre tambem apparecem.

Cotação: — REGULAR.

SATAN NO VOLANTE (The Devil Is Driving) — Paramount — Producção de 1932.

Um tanto inverosimil este Film desenrolado numa garagem, mas que contém elementos para divertir. O argumento servia para cousa melhor. Mas o Film têm alguns momentos de boa emoção, como o final e tem Edmund Lowe, um artista sempre perfeito em qualquer papel que interprete. Ao seu lado: Wynne Gibson, Lois Wilson, James Gleason, Dickie Moore, Alan Dinehart, Francis Mc Donald, Tom Kenedy e Gwinn Willians, agradam em bons desempenhos, Mary Mac Haren mostra o seu bonito perfil numa "pontinha".

Benjamin Stoloff, dirige.

Cotação: — REGULAR.

A HONRA EM JOGO (This Sporting Age) — Columbia — Producção de 1932 — (Dist. United).

Um Filmzinho sportivo que não aborrece, mas só o podemos recommendar aos admiradores do genero. Boas scenas de jogo de polo e um bom trabalho de Jack Holt. Evalyn Knapp, Ruth Weston, Walter Byron, Nora Dane, Hardie Albright, Shirley Palmer e J. Farrell Mac Donald são os outros.

Cotação: — REGULAR.

SAMARANG (Samarang) — United Artists — Producção de 1933.

Se este Film tivesse um fio de historia mais interessante, agradaria mais, se bem que já vimos outros do genero muito mais photogenicos tambem.

Como está é quasi um Film natural que só interessará aos apreciadoers.

A historia que a irmã de Theda Bara escreveu é fraca. Falta personalidade que "Chang", por exemplo possuia. E ás scenas submarinas são communs e sem interesse. Os momentos empolgantes existem apenas nas reclames...

Cotação: — REGULAR.

O SEGREDO DA ALCÔVA (The Secret of the Blue Room) — Universal — Producção de 1933.

Mais um Film "mysterioso" da Universal aproveitando as montagens de "Frankenstein".

Lionel Atwill, Gloria Stuart, Paul Lukas, Edward Arnold, são os principaes.

Cotação: — REGULAR.

GLORIA DE CAMPEÃO (Big Timer) — Columbia — Producção de 1932.

Madison Square Garden outra vez mas um Filmzinho agradavel com Constance Cummings, Bem Lyon e Thelma Todd para atrapalhal-os...

No gereno é passavel...

Cotação: — REGULAR.

MASCARADO MAGNANIMO (The Rustler's Roundup) — Universal — Producção de 1933.

Mais um Film de Tom Mix.

A interessante Diane Sinclair é a sua pequena e William Desmond e o fallecido Roy Stewart tambem tomam parte.

Cotação: — REGULAR.

O REI DO VOLANTE (High Speed) — Columbia — Producção de 1932.

Buck Jones automobolista, amando Loretta Sayers.

Cotação: — REGULAR.

O FILHO DAS TRIBUS (White Eagle) — Columbia — Producção de 1932.

Buck Jones como indio e Barbara Weeks de cabello louro.

Cotação: — REGULAR.

O PHANTASMA DE CRESTWOOD (The Phantom of Crestwood) — RKO-Radio — Producção de 1932 — (Broadway Prog.).

Um crime mysterioso que não interessa a ninguem. Nos Estados Unidos, fizeram um Concurso pelo Radio, mas nem assim. O criminoso não é surpreza nenhuma para a platéa.

Karen Morley, que ha tanto tempo não viamos, surge muito bonita e é assassinada mais uma vez. Está, porém, um tanto deslocada... Ricardo Cortez, vae bem. Anita Louise e Matty Kemp têm o interesse amoroso. No grande elenco, encontramos as figuras conhecidas de Pauline Frederick, Mary Duncan, Aileen Pringle, Gavin Gordon, H. B. Warner, Sam Hardy, Tom Douglass, Hilda Waughn, George Stone, Robert Elliot, Ivan Simpson, Skeets Gallagher e Robert Mac Wade.

Direcção de J. Walter Ruben.

Cotação: — FRACO.

COMPLEMENTOS DE PROGRAMMA

VESTIDAS A' FRANCEZA (Maids a la Mode) — M.G.M. — Outra agradavel comedia desta dupla tão interessante que agora se desfez: Thelma Todd-ZaSu Pitts. As duas estão optimas. Cissy Fitzgerald, e Billy Gilbert tambem entram.

SUMAM-SE (Scram) — M.G.M. — Uma das mais engraçadas comedias de Oliver Hardy e Stan Laurel. Só a cara do juiz já vale o espectaculo, mas ha uma bebedeira de Vivian Oakland ás voltas com o **gordo** e o **magro** que é impagavel.

A RUMBA CUBANA — Paramount — Armida de novo dansando a rumba e a orchestra de Vincent Lopez interpretando o **El Manisero.**

FAZENDO CAMPEÕES — Vitaphone — Algumas exhibições do campeão Primo Carnera, com o anão Billy para a comedia.

COLOMBO TRAHIDO — Vitaphone — Uma das maiores **bólas** do anno é esta comedia parodiando a descoberta da America. E' engraçadissima e apresenta uma rumba muito bem dansada.

SOMOS DE CIRCO (The Chimp) — M.G.M. — Outra divertida comedia de Laurel-Hardy, desta vez ás voltas com uma macaca. Ha boas piadas.

TONTOS ARABES (Arabian Tights) — M.G.M. — Boa comedia de Charles Chase e Muriel Evans.

O VELHO DA MONTANHA (The Old Man Of The Mountain) — Paramount — Betty Boop num desenho sonoro que tambem serve para mostrar a optima orchestra de Cab Calloway.

ALEGRIA DA RUMBA (When Liuba Plays The Rumba In The Tuba) — Paramount — Outro desenho sonoro, este apresentado os irmãos Mills.

A OLYMPIADA United Artists — Um bom desenho com o Camondongo Mickey.

OS TRES PORQUINHOS (Three Little Pigs) — United Artists — Desenho colorido musicado de Walt Disney, que tem feito muito successo nos Estados Unidos. E' mesmo interessantissimo.

BOMBEIROS DE VERDADE E ALUMNOS CABULOSOS — M.G.M. — Comedias da Our Gang, com Dickie Moore, Spanky e outros, sendo que na ultima tambem apparece Mary Kornman.

O HOMEM MECANICO (Bosco Mechanical Man) — Vitaphone — Desenho sonoro, bomzinho.

Futuras estréas

SITTING PRETTY (Paramount) — Outro lado de Hollywood! As aventuras, incidentes, miseria e successo de dois compositores de musicas para os Films. Esta comedia, onde ha lindas musicas e esplendidas canções, foi produzida por Charles R. Rogers para o programma da Paramount e reune os seguintes nomes: Jack Oakie, Jack Haley (novo artista, que veio dos palcos de New York), Ginger Rogers, Thelma Todd, Gregory Ratoff, Lew Cody, e as famosas cantoras do radio as Pinker Sisters. Harry Joe Brown (marido de Sally Eilers) dirigiu. Ha scenas impagaveis, como a do telephone, quando Ratoff é interrompido por Oakie e Haley... Elle faz um productor de Films e — judeu! Esse artista é notavel! Ha varias canções e um numero de dansa, com leques, que é bonito e deslumbrante. Vejam e divirtam-se!

THE PRIZEFITHER AND THE LADY (Metro Goldwyn-Mayer) — Max Baer, famoso jogador de box e ex-açougueiro — mas, isto é o que importa, um rapagão cheio de personalidade e um sorriso que conquista os corações femininos — é o protagonista deste novo e sensacional Film da M.G.M. Esplendida diversão — este trabalho reune tudo o que um Film deve offerecer ao publico. Emoção em quantidade, comedia, romance, optimas caracterizações — principalmente, por parte de Walter Huston e Otto Kruger — um numero musical e a figura encantadora, cada vez mais cheia de seducção de Myrna Loy. Ella, dia a dia, se mostra mais perfeita como artista. Dia a dia, se torna mais fascinadora... Myrna, posso affirmar, é uma verdadeira sensação neste seu papel. Max Baer, além do seu physico de athleta e o seu nome celebre nas lides sportivas, offerece uma qualidade a mais que outros "boxeurs" não possuiam ao enfrentar a camera — elle é naturalissimo e um esplendido artista. Vae vencer, vae ser um successo. Dizem aqui — e eu posso corroborar na affirmação — que elle possue tanto "sex-appeal" como Clark Gable. Fala-se que a Metro espera apresental-o em outro trabalho, aproveitando a sua estréa que se deu com tamanho successo. Ha uma luta de "box" esplendida, entre Max e Primo Carnera. Santa, o "boxeur" portuguez, apparece numa preliminar. Jack Dempsey é o "referee" da grande luta e no rosto do elenco ainda vemos Robert McWade, Al Hill, e outros. Direcção de S. Van Dyke.

THE RIGHT TO ROMANCE (Radio-R.K.O.) — Um novo Film de Ann Harding, que não é tão interessante e perfeito como suas duas ultimas producções — "Pouco amor, não é amor" e "Double Harness". Alfred Santell dirigiu e narra a historia de uma cirurgia-plastica, famosa, rica — mas que não possuia romance em sua vida, toda ella dedicada ao trabalho. Um dia, Ann resolve despir o uniforme de medico e trajar um vestido de baile... procurando assim um pouco de amor para o seu coração. Envolve-se numa aventura, casa com Robert Montgomery e... soffre uma longa desillusão! Só então comprehende que Nils Asther, medico e seu amigo de longa data, a amava com loucura... e volta-se para elle! Aqui está, em breves palavras, o resumo da historia. Ha tambem a **outra mulher** e esta é Sari Maritza, elegante e provocadora. Vestidos bonitos, ambientes de luxo e o desempenho do elenco é optimo.

DUCK SOUP (Paramount) — Os quatro irmãos Marx voltam a fazer loucuras... e desta vez o fazem de tal modo que esta sua ultima comedia vale dois milhões! E' infinitamente superior ao ultimo trabalho da turma. Engraçadissima, impagavel, realmente digna de ser vista e gosada. Imaginem que Groucho, o do charuto, é o dictador de um paiz imaginario... Zeppo e Harpo, dois espiões, ao serviço de um paiz vizinho e rival. Ha scenas que farão o publico morrer de rir. Ha um "gag" com o espelho (apezar de conhecido do theatro) que despertará innumeras gargalhadas. Não percam. Ha musicas, canções e um numero musical — quando **Freedonia,** com seus representantes em sessão de governo, resolve declarar guerra a **Sylvania,** que é a coisa mais perfeita e mais engraçada no genero. Não percam de modo algum. Raquel Torres apparece, Louis Calhern e Eddie Kennedy tomam parte. Desta vez Harpo não toca harpa nem persegue as louras... Normam McLeod, dirigiu.

Colleen Moore está ao lado de Ginger Rogers em "Success Story", da RKO. E por falar em Colleen: ella vae fazer tambem "The Social Register", da Columbia, ao lado de Pauline Frederick, dirigida por Marshall Neilan.

FLYING DOWN TO RIO (Radio-R.K.O.) — Foi exhibido em **preview** para o publico, representantes da imprensa local e estrangeira e artistas do elenco o grande Film musicado que Louis Brock produziu e que tem como ambiente o nosso Rio de Janeiro. A Radio tem um novo e esplendido successo, pois a acolhida que a platéa deu a esta exhibição foi das maiores. As palmas se succediam em innumeros momentos do Film, enthusiasmadas, cheias de calor e contentamento por parte da audiencia. O Film agrada em cheio — é riquissimo, deslumbrante em muitas de suas sequencias; apresenta novidades; offerece sua musica e seus numeros de dansa de uma maneira completamente nova e que impressiona vivamente. Louis Brock mostrou do Rio de Janeiro o melhor. Ha uma ou outra paizagem — mas nos seus diversos **shots** de apresentação, quando a historia se passa para a cidade do Rio, veêm-se os seguintes aspectos — o Jockey Club, um trecho do Quarteirão Serrador, o Theatro Municipal, os jardins da Gloria, varios edificios altos e imponentes, trecho do Jardim Botanico, com suas palmeiras, um apanhado do alto do Corcovado, mostrando a magnifica Bahia de Guanabara; o Hotel Gloria, e o Copacabana. Ha uma scena com a deslumbrante illuminação de Copacabana e trechos da Gloria. O Film mostra, realmente, como eu sempre disse, o lado progressista, luxuoso, moderno, elegante do Rio. Os ambientes em que o assumpto se desenrola são luxuosos, ricos, elegantes. O publico gostou immenso — viu um Rio de Janeiro, um Brasil, como nunca sonhara pudesse existir. Ha, por exemplo, no dialogo phrases e palavras que falam dos nossos costumes. Por exemplo, Gene Raymond, numa das primeiras sequencias diz a Dolores: "Eu vou para a tua terra e farei algumas mudanças. . ." Mais tarde, elle confessa: "Eu estava enganado. As coisas são differentes aqui no Rio". E Dolores diz: "Sim, nós aqui pertencemos ás nossas familias, ás nossas promessas!"

Ha outro detalhe. Por processos da historia, o pae de Dolores não tinha conseguido licença para ter diversões no luxuoso Hotel Atlantico. Em todo o caso, Fred Astaire e suas "girls" ensaiam na **terrace.** Dois policias chegam e tentam falar com elle. Fred não fala portuguez e elles nada falam de inglez. Ha uma complicação. Os policias tentam explicar, por gestos, fazendo uns passos de dansa — dizendo **Não, Não, Não !** Dolores chega e explica a situação. Fred pede dinheiro a Gene Raymond e diz "Na minha terra as coisas se resolvem assim. . ." Querendo dizer que na America elle subornaria e tudo acabaria bem. Dolores diz então: "Não, não faça isso. E' caso de prisão aqui subornar uma autoridade!" Por isso, o Film nos faz justiça, não só revelando o nosso progresso, como mostrando os nossos costumes.

Flying Down to Rio é a propaganda maior, mais deslumbrante e mais barata que o governo já poude ter. De graça, completamente gratuita e os brasileiros devem apoiar este Film, não se esquecendo que elle vae por todas as cidades do mundo. Sómente em New York, elle será exhibido na semana de Natal — quando milhões e milhões de pessoas procuram o Cinema, como diversão. O seu lançamento será feito em 40 Cinemas, ao mesmo tempo, nos Estados Unidos — agora pensem e vejam que propaganda maravilhosa não será para o Brasil! Mais tarde, quando o Film desvenda aos olhos do publico a parada aerea, com as "girls" dansando nas asas dos aviões — o fundo é o Rio de Janeiro — todo o trecho de Copacabana, Leblon, Leme — com seus arranha-céus, suas casas de appartamentos, altas, modernas, elegantes. Um panorama maravilhoso — que deslumbra, que encanta! Depois reparem nos interiores, de um bom gosto e de um luxo que pasmam! As dansas são bonitas e em formações interessantes dirigidas por Dave Gould. O **Carioca,** a nova dansa que o Film offerece, que não é absolutamente o maxixe, mas que se baseia em alguns passos dessa nossa dansa, agradou em cheio. A musica tem alguma coisa do nosso rythmo e despertou os mais calorosos applausos do publico. Neste "cabaret", a orchestra brasileira — **Os turunas** — é mostrada, primeiro, apenas com quatro musicos — sendo que um delles cochila. Os musicos americanos chegam e acham graça, zombam da orchestra, dizendo **então**

FUTURAS

(FILMS VISTOS EM HOLLYWOOD POR GILBERTO SOUTO)

isso é a competencia que nos espera? Mas, os musicos começam a tocar e elles ficam olhando serios. . . E a musica augmenta em seu rythmo, em seu andamento, buliçoso, esplendido! E os americanos ficam mais serios. . . e comprehendem que elles eram mesmo de facto, que aquella musica era alguma coisa seria, notavel, nova, differente, maravilhosa! E o Film é assim todo. Ha um grupo de bahianas, garotas mulatas e pretos que dansam esse **Carioca,** gingando, remexendo, e que dá ao Film um movimento interessante e que desperta grande exito. . . Este **ensemble** dansa depois do Film mostrar, bem claramente, o ambiente do "cabaret" — louras e morenas, creaturas elegantes e bonitas e rapazes tambem esbeltos. Ha um **ensemble** formado por pares, rapazes e garotas — bellos typos, que precede o dos pretos. Não ha, portanto, nada que possa ser levado em conta de offensivo ou desagradavel para os nossos patricios. Aliás, é opinião geral dos brasileiros que assistiram ao Film que elle sómente serve para maior propaganda do Brasil.

Agora — um paragrapho todo especial — Raul Roulien é um dos elementos que maior successo obtem no Film. Posso dizer e o faço com sinceridade, sem exaggero, que elle offerece o seu melhor papel, a sua melhor contribuição Cinematographica de toda a sua carreira. Nunca o vi tão natural, com tanta linha, reservado, calmo, de uma elegancia unica. Raul obteve innumeros applausos com seu papel — que elle soube, com arte e muito sentimento, tornar de uma sympathia unica. Elle offerece diversas modalidades de actuação durante o Film. Primeiro, elle tem uma ligeira scena de comedia; depois canta o tango — Orchideas ao Luar — com tamanho sentimento e belleza que recebeu uma prolongada salva de palmas dos milhares de pessoas que enchiam o Cinema naquella noite.

A scena da despedida, quando elle beija Dolores Del Rio e pronuncia em portuguez "Seja Feliz!" é tão bonita, dramatica, e nella Roulien emprestou sentimento e uma naturalidade tal que realmente enthusiasma! Podem esperar por mais este papel de Roulien; aguardem-no porque elle elevará ainda mais o nome do nosso patricio no conceito dos seus "fans" e que successo para elle, aqui nos Estados Unidos, onde com este seu trabalho elle obterá ainda muitos milhares mais de admiradores.

Fred Astaire, que tem uma parte comica e que dansa em varias scenas do Film, venceu neste segundo papel que faz no Cinema. A sua primeira apparição foi em **Dancing Lady,** da Metro, onde elle pouco fez. Em **Flying Down to Rio,** porém, Fred é um dos grandes successos. Engraçado, com refinamento, elle vem dar um typo novo de comediante que o Cinema, neste momento, não possuia. Fred Astaire é um nome que vae ficar. Dolores del Rio está linda, como nunca.

Elegante e que vestidos que apresenta ! Gene Raymond tem bons momentos e agrada. Blanche Frederici, como sempre, excellente. Ella fala, com esplendida pronuncia, varias phrases em portuguez. Reginald Barlow, Walter Walker, Paul Porcasi, Franklyn Pangborn apparecem. Roy D'Arcy, Maurice Black e Armand Kaliz são os tres gregos — os verdadeiros villões do Film. A direcção é de Thorton Freeland, que merece parabens.

E aqui está a minha opinião sincera em torno desse novo Film da Radio-R.K.O. — trabalho esse que vae, certamente, obter um grande e estupendo exito no Brasil inteiro. E — a Louis Brock quero dar, como brasileiro, os meus agradecimentos por ter trazido a belleza, o progresso e as maravilhas da minha cidade querida para a téla de todos os Cinemas do mundo !

DESIGN FOR LIVING (Paramount) — Vocês viram **Ladrão de Alcova?** Apreciaram

o prodigio que é Lubitsch? Gostaram e se deliciaram com o desempenho de Miriam Hopkins? Pois, então, preparam-se para gosar mais um outro espectaculo notavel, elegante, finissimo, cheio daquella malicia que Lubitsch sabe emprestar aos seus trabalhos. Aqui está um novo exito — formidavel, extraordinario sob todos os pontos de vista. Baseando-se na comedia de Noel Coward, Lubitsch modificou certos pontos — deu ás suas scenas aquelle seu toque pessoal, estampou o sello da sua individualidade e nos dá qualquer coisa de maravilhoso com este seu trabalho que vae trazer á Paramount novas glorias. Eu não me lembro de ter visto Gary Cooper tão bem — e, imaginem, num papel malicioso, cheio de **sophistication!** Ha detalhes, na scena que são pedacinhos admiraveis de intelligencia, de bom gosto, de habilidade que só e unicamente Ernst Lubitsch sabe dirigir e idealizar. Reparem, por exemplo, no despertar de Edward Horton,

(Termina no fim do numero).

"Cradle Song"

LUBITSCH, GARY COOPER, MIRIAM HOPKINS E FREDRIC MARCH.

SCENAS E ASPECTOS DURANTE A FILMAGEM DE "DESIGN FOR LIVING"

Film da Paramount

A CELEBRE PEÇA DE NOEL COWARD NO CINEMA. DIZEM QUE SÓ FICOU O TITULO...

Um almoço com Alison Skipworth e... Bridge!

(FIM)

E — não é mesmo que ella levou o negocio do bridge a serio? Será que terei mesmo, para entrar na sua estima completa de aprender a jogar...? Pois bem, se vocês, meus caros amigos, sentirem falta de trabalho meu; se notarem poucas chronicas e entrevistas — não me culpem. Não foi o Coconut Grove... o Club Ballyhoo... ou Blissom Room do Roosevelt... E' que estou queimando as pestanas a aprender BRIDGE! E — por favor — tenham piedade de mim!...

Uma homenagem a MARIA DRESSLER

(FIM)

E não é que Mae Robson dansou tambem? E quem teria ella escolhido... Nada menos do que o velho Lionel Barrymore. Elle coça a cabeça e procurando pôr os ossos doidos nos seus respectivos logares — não póde recusar... Mas, confesso que a pedido de Mae a orchestra tocou uma valsa — daquellas dos velhos tempos!

E... como diz o poeta nos seus versos...

"Night shall be filled with music...
Sweet Melodies of love..."

* * *

E — assim foi. Uma noite memoravel... Mas uma destas noites de Hollywood, quando reina alegria intensa, e ha Felicidade e Amor bailando nos olhos e no sorriso bonito de cada estrella...

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor nº 34 — Telephones: Gerencia: 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

A Transformação de Myrna

(FIM)

tente illudir os outros. Quem só aprecia o que é verdadeiro, que o procure, porque o encontrará...

"Tenho poucas amizades e, no que diz respeito aos homens, são todos platonicos".

Myrna Loy sorri.

— A amizade cresce suavemente. As relações transitorias de nada nos servem, e, ás vezes, só nos trazem aborrecimentos. Os aduladores e os importunos não me dão cuidados, porque nunca estou em casa, quando me batem á porta.

"A minha melhor amiga é companheira de infancia e está agora casada. A vida della é muito differente da minha, mas a amizade continua. Ella tem que se adaptar ás condições da minha existencia de actriz, mas felizmente é uma alma generosa.

E' preciso dizer que em oito annos de actividade no Cinema, Myrna tem subido sempre, sem nunca haver commettido um deslise, sem nunca ver o seu nome envolvido em nenhum escandalo.

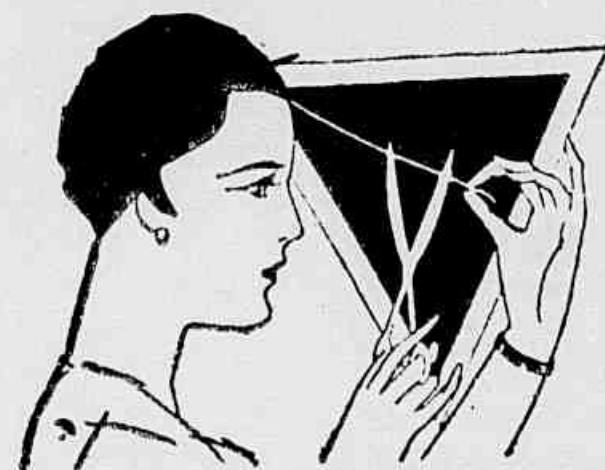
— Uma ou duas vezes corri o perigo de "fazer Hollywood", admitte a actriz. Acho que ha uma intuição que nos guia e que nos impede de trocarmos o verdadeiro pelo falso. Cedo me enfado dos estimulos mentirosos. Não acho graça nenhuma ás festas com bebedeiras. Gradualmente, a gente vae conhecendo os valores e escolhe só o que lhe convém.

"Se ha quem pense que os artistas gostam verdadeiramente de certas patuscadas, eu não. Muitos cultivam certas relações, por motivos de interesse profissional, mas eu nunca fiz politica desse genero, nem a aconselho a ninguem.

"No fim de contas, é tudo uma questão de dollares e de centavos. Se a gente tem alguma coisa a vender no Cinema, os empresarios não deixarão de compral-a".

Myrna Loy faz lembrar a fina fortaleza do aço. Com aquella esbelteza de figura, tem-se a impressão duma fragil arvore que a brisa dobra sobre si mesma, mas, de repente, nota-se-lhe a firmeza do bem modelado queixo e a fixidez do olhar. Por baixo daquella magnifica cabelleira castanha ha um cerebro que trabalha.

Perguntando-se á actriz quaes eram as suas idéas a respeito do seu ideal masculino, exclamou:

— Não posso responder a essa pergunta. Podia ferir alguem. Não, não posso.

Temos que nos lembrar aqui de Barry Norton e daquelles agitados tres annos em que se dizia que o argentino e Myrna estavam noivos.

O encantador, mas enfadonho Barry, com a sua figura romantica e a sua tendencia para se metter em camisas de oñze varas!

A constante necessidade em que Barry vive de comprehensão, de encorajamento, de sympathia e de conselhos maternaes, deve ter esgotado as forças de Myrna!

O idillio delles passou bruscamente de extase a furação! Finalmente, a mãe de Myrna prohibiu a filha de tornar a vel-o. Myrna obedeceu, mas essa resolução, afastando da sua vida um mancebo tão estouvado como encantador, foi um rude golpe para ella.

Desde então nunca mais se falou em namoro de Myrna Loy, até começarem a circular os boatos com respeito a Novarro, que a actriz chama "absurdos".

— Amor?

Myrna dá de hombros, com displicencia.

— Agora, não tenho tempo. Ainda não estou prompta para levantar acampamento. Quero tanto viajar, ver como vive o mundo... Apesar de gostar muito de creanças, inda não as desejo... Talvez, um dia...

Não ha actriz que seja tão convincentemente bizarra como Myrna e assim podemos esperar per mais Films como "Uma noite no Cairo", no qual ella e Ramon Novarro nos offereciam tão bellas e suggestivas scenas.

Mas esses papeis de creaturas meio selvagens e as sinuosas sereias serão simples compassos de espera, pois Myrna tem outras ambições, que espera realizar.

— Gostei muito de representar a jovem autora em "A rival da esposa". Tornei as sobrancelhas curvas, vesti trajes razoaveis tratei de me esforçar por me sahir bem. A vida das mulheres jovens hoje em dia é tão interessante! Quero fazer dramas sobre as aventuras dellas, com alguns toques de comedia.

Assim, tendo terminado o seu trabalho em "Penthouse", Myrna goza dumas pequenas ferias. Passeia a cavallo, de preferencia só. Lê biographias e obras de ficção. Aos vinte e oito annos, olha para o passado e convence-se de que esses oito annos de lutas valeram bem a pena.

Comissão de Censura Cinematographica

Machica, meu monstro — Desenho — Universal Pictures Corp. U. S. A. — Approvado.

Artistas modernos — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

O avião phantasma — 11º e 12º episodio — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

O segredo da alcova — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Prohibido para menores — Approvado

O automata de Bosko — Desenho — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

A caminho de Buffalo — Desenho — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

O precioso ridiculo — Drama — First National U. S. A. — Approvado.

Mocidade e farra — Drama — Paramount International Corporation U. S. A. — Approvado.

Symphonia grotesca russa — Kniga de Berlim — Intorgkino, Moscow — Approvado.

Felicidade prohibida — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Approvado.

O crime do circo — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

O jogador gallopante — 3º e 2º episodio — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

O jogador gallopante — 5º e 6º episodio — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

Bons dias — Studios Paramount — França — Approvado.

Novos amores — Drama — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.

Melodia de arrabalde — Drama — Studios Paramount — França — Approvado.

Afim de tratarem do acerto de suas contas são convidados a comparecer ou a se dirigirem por escripto ao n/ escriptorio os seguintes ex-Agentes desta Empresa:

Polary & Maia — São Luiz — Maranhão; **João Leite de Aguiar** — Catanduva — São Paulo; **João M. da Fonseca Brasil** — João Pessoa — Espirito Santo; **L. M. Carvalho** — Therezina — Piauhy; **Geraldo Silva** — Guaranesio — Minas; **Oroncio Demoly** — São Jeronymo — Rio Grande do Sul.

RUBY DA RUA 42

(FIM)

Quando fez dezenove annos, entrou como dansarina de "Whoopee", de Ziegfeld. Ahi conheceu Al Johnson.

Os jornaes noticiaram o vertiginoso namoro, o gesto de Al pondo uma grande somma no nome da mãe de Ruby, o casamento, etc. Foi coisa de primeiras paginas o matrimonio do rico e brilhante Johnson com a jovem dansarina.

O barulho dos jornaes não podia ser evitado, mas tanto Ruby como Al fizeram questão de que a cerimonia se rodeasse da maior simplicidade, presidida por um juiz de paz. O annel, que desde então a actriz nunca mais tirou do dedo, não é de brilhantes, nem de platina, mas uma simples alliança de ouro.

Ella fez mais uma revista, "Show Girl" e, depois, retirou-se do theatro, contente em ser apenas a sra. Johnson, na vida real. Joseph Schenck teve a idéa de fazel-a apparecer em "Venturoso vagabundo" ao lado do marido e submetteu-a á competente prova, mas Ruby lembrou-se, de repente, que aquillo era fazer negocio á custa do casamento com Johnson e recusou o papel. A Warner Brothers, porém viu o "test", chamou-a para a "Rua 42" e, agora, Ruby tem contracto com a fabrica.

A actriz, entretanto, quando fala no contracto, diz sempre "se o renovarem, na época da opção". Quando o renovaram a primeira vez, confessa que sentiu um grande orgulho. Sentir-se-á egualmente satisfeita se continuarem a renoval-o, mas, se assim não fôr, não terá nenhum ataque de nervos.

Aos vinte e quatro annos, tem já uma experiencia e conhecimento da vida que muita gente de trinta e tantos não têm. Ella é Ruby Keeler Johnson — dois nomes egualmente illustres — e uma mulher muito linda e humana, com ou sem carreira no Cinema.

O ACTOR "PERFEITO"

(FIM)

Tal é o homem cuja presença, veia dramatica e magnetismo de personalidade tanta attenção e admiração despertam no publico, que frequenta Cinema.

E Ramon Novarro exprime bem a opinião de Hollywood a respeito de Stone, quando diz.

Lewis Stone não é apenas um grande actor e artista. E' o maior amigo e o mais nobre cavalheiro de Hollywood.

CHRONICA

(FIM)

Nem se exige a traducção dos letreiros de certos "shorts" em hespanhol... Isto póde não ser patriotismo, mas é incoherencia e absurdo.

Dos Cinemas americanos, Luiz Severiano Ribeiro traz boa impressão, desses que apenas ha cinco annos estão construidos, pois que, como se sabe, o Paramount, o Roxy e a Radio City são casas muito recentes...

Luiz Severiano Ribeiro até agora tem adquirido e controlado uma serie de Cinemas e no Rio, principalmente, nem reformas fizera.

"Já que não temos grande producção tratemos de possuir as boas casas" foi uma phrase de uma entrevista de Ignacio Castello.

Possuir bons Cinemas e ser dono delles de verdade...

E assim, convidou-nos para visitar o novo America que realmente tornou-se um dos melhores Cinemas do Rio, sob qualquer ponto de vista. Até as cadeiras estão com o espaço exigido pelo conforto, o que não acontece com certas salinhas do centro que espremem os espectadores, á procura de lotação...

O Americano e o Atlantico serão em breve abandonados com a construcção de duas casas admiraveis em Copacabana, se a do "Lido" não fechar. Poder-se-ia até promover "premières" nesses Cinemas "à la manière" do Carthay Circle...

No Largo do Machado, outro grande Cinema vae surgir e assim em outros bairros.

— Este anno, vou-me dedicar á construcção de verdadeiros Cinemas — disse-nos e, por emquanto, não posso adiantar outros planos...

E entre elles, comprehendemos bem o de uma nova casa no centro...

Se algumas restricções temos feito á orientação de Luiz Severiano Ribeiro, quando se esboça algum "trust" em prejuizo do publico embora em defesa das pretenções dos distribuidores ou quando, como brasileiro e possuindo casas de todas as classes, não agasalha num dia apenas uma producção brasileira que seja... Não podemos agora deixar de louvar e apoiar com sinceridade essas realizações que muito representarão para o Cinema no Brasil e para o conforto do publico que paga e tem o Cinema como sua diversão predilecta.

Julio de Moraes, conhecido "sportman" e director do Film "Alma Camponeza", feito em Hollywood e Antonio Luiz Lopes, o "Marialva" da "Severa" e productor de "Campinas de Ribatejo", pretendem produzir um Film de caracter luso-brasileiro. Scenas filmadas em Portugal e no Brasil, culminando por uma tourada no stadium do Vasco da Gama. Lia Torá, brasileira, e Antonio Luiz Lopes, portuguez, serão as principaes figuras sob a direcção de Julio de Moraes.

Idéa planejada por tantos cinematographistas portuguezes, coube a Julio de Moraes e Antonio Luiz Lopes a decisão de realizal-a e nós só podemos apoiar tão interessante iniciativa, que de algum modo traz de volta ao Cinema Julio de Moraes e Lia Torá e vem dar mais actividade cinematographica ao Brasil.

Pena que a idéa tambem interessante de sua publicidade, a de abrir um Concurso para o titulo do Film, esteja sendo prejudicada pelo jornal do Rio que o instituiu, com a publicação ridicula de retratinhos de tantos toureiros e meninas talentos. "O Sr. Antonio Vasconcellos que quer tourear". "A menina Adelinha de Souza, que deseja trabalhar ao lado do Rafaelzinho", etc.

Agora esperemos que o Fim tenha uma realização condigna e que não pareça apenas um Film de "Tiro".

Senhoras:

As modas estão sempre em moda... E o magazine O MALHO, todas as semanas, publica supplementos com os ultimos modelos de vestidos para senhoras, além de riscos, moldes, letras, interiores, etc. Comprem, por experiencia, um O MALHO, e ficarão satisfeitas. Asseguramos.

Futuras Estréas

(FIM)

no dia seguinte, ao seu casamento com Miriam... Elle passeia pela sala e, raivoso, dá um ponta-pé num vaso de flores... presente que os dois antigos amantes de Miriam Hopkins (Gary e Frederic March haviam mandado como presente de nupcias!... O detalhe da machina de escrever, com o tympano a tocar é outro ponto que revela a maneira habil de Lubisch mostrar e contar as coisas. Os ambientes são ricos, deslumbrantes. Ha scenas de comedia que despertarão muito riso. Frederic March, Edward Horton novamente conseguem successo, desempenhando seus papeis com extrema perfeição. Não deixem de ver — aguardem com ansiedade pois aqui está um grande e estupendo trabalho e fiquem "tontos" com Miriam Hopkins!

THE GRADIE SONG (Paramount) Eis o primeiro Film de Dorothéa Wieck, nos Estados Unidos e um excellente trabalho, principalmente para o Brasil. E' um thema religioso, envolto na suavidade dos canticos sagrados e desenrolado nos ambientes cheios de belleza poetica de um convento. Ha tanta doçura, tanta simplicidade e belleza — um sabor tão espiritual em todo o Film que asseguro para esta nova producção da Paramount um grande exito. Depois, o desempenho dessa nova figura do Cinema, a sempre lembrada interprete de "Senhoritas de Uniforme", é notavel. Duvido que outra artista pudesse melhor do que ella desempenhar este papel — essa freira cujo coração era feito de bondade e amor. No resto do elenco estão Kent Taylor, um novo galã que apparece e que promette immenso; Evelyn Venable, que vem do theatro, mas que está destinada a ficar, Louise Dresser, Sir Guy Standing, Nidya Westman, Pail Patrick, etc. Michel Leisen dirigiu e que esplendido trabalho elle soube offerecer. A photographia é lindissima, assim como cheia de melodia e ternura é a musica que acompanha o Film. Houve por parte da Paramuont um cuidado especial em reconstituir os ambientes religiosos. O Film se baseia numa peça de Gregorio Martinez Sierra, que o publico brasileiro conhece e aprecia.

CONSELOR AT LAW (Universal) — Um Film que acompanha muito de perto a peça theatral de onde foi adaptado e, por isso, para determinadas platéas estrangeiras não offerecerá o mesmo enthusiasmo que desperta aqui. Essa peça em New York, foi interpretada por Paul Muni e aqui em Hollywood, teve como protagonista a Otto Kruger. Ambos eram maravilhosos e, por isso, os criticos esperavam a interpretação de John Barrymore. Este, porém, mostrou-se soberbo — grande, notavel na sua comprehensão intelligente do caracter desse advogado formidavel.

O Film é um conjuncto de emoções, de incidentes varios da vida de um notavel causidico e a "camera" mostra-os com habilidade e muita intelligencia. Não ha muita acção, pois a totalidade das suas scenas se passa nas varias dependencias do escriptorio do advogado. Mas, ha caracteres, typos e detalhes que consagram o Film e o tornam esplendido, superior a muitos outros no mesmo genero. Reparem, por exemplo no typo daquella mulher que leva o Film inteiro a andar de um lado para o outro — e que é ridicularizada por todos os companheiros de escriptorios. Prestem attenção á telephonista, áquelle rapaz encarregado dos archivos que vivia em eterna paixão por Bébé Daniels... Se você, meu caro leitor, trabalha num grande escriptorio, não perca este Film — elle photographa com muito espirito, phases da vida diaria de um desses logares. Bébé Daniels, na secretaria que ama em segredo a Barrymore está esplendida. Doris Kenylon, na esposa futil e social, elegante e curiosa. Oslow Stevens, Thelma Todd, Melvyn Douglas, Mayo Method, Isabel Jewell, na telephonista e outros apparecem. Direcção de William Wyler.

A HISTORIA ROMANTICA DE GARY COOPER

(FIM)

Toda a vida dos dois se resumia nesse amor, e isso é sempre um mau presagio pa.a as pessoas jovens.

Depois a chamma desse amor extinguiu-se, como era inevitavel, e por pouco Gary não succumbiu. Em sua vida de rapaz elle pouco sabia sobre mulheres, excepto as do cinema...

Na Condessa de Frasso elle encontrou uma mulher, um pouco mais velha do que elle, é verdade, porém uma mulher que tinha viajado o mundo, vivido em muitos paizes, altamente educada e que conhecia a vida em todas as suas phases. Uma mulher fascinante, com bellas maneiras, lindos olhos azues numa face morena, e delicadas mãos habituadas ao uso de joias famosas e caras. Conhecia todas as pessoas importantes da Europa e da America, e nada sabia de Hollywood, excepto que era um logar onde faziam Films e seus amigos Douglas e Mary viviam. Póde-se fazer uma idéa do que tal amizade significava para Gary Cooper.

Gary sempre foi louco por Douglas Fairbanks. Como quasi todos os homens de Hollywood, elle tem tremenda admiração pela personalidade, pela força athletica e pela alegria de viver, de Douglas. Este tambem gosta de Gary, tendo sido sempre um seu verdadeiro amigo. Não foi sem razão que Mary, uma das mais doces creaturas que o sol illumina, tomou-o sob sua protecção e elle começou a ser um dos convidados do pequeno e interessante circulo social que se reunia em Pickfair.

Aquella convivencia entre elles influenciou a vida de Gary de uma fórma categorica, assim como tem influenciado na vida de Hollywood e no progresso do Cinema. E, quando a Condessa de Frasso se decidiu a visitar a cidade, sendo hospede de Mary durante o verão, Gary podia ser encontrado lá diariamente. Hoje em dia, elle parece um filho de Douglas, como o proprio Douglas Junior. Sómente que, entre o pae e o filho, os dois se parecem mais amigos do que outra cousa.

E assim, o "cow-boy" moreno e silencioso tornou-se um mundano, permanecendo calado, não obstante. No anno passado elle teve uma séria rusga com a Paramount, afastando-se em silencio. A Paramount não conseguia encontral-o e, quando tal cousa succedeu, Gary limitou-se a olhar o mensageiro e não dizer nada. Essa luta terminou quando, em vez de obrigarem-no a fazer o papel horrivel de Tenente Pinkerton, em "Madame Butterfly", com Sylvia Sidney, deram-lhe aquella parte memoravel em "Adeus ás Armas", ao lado de Helen Hayes.

Gary Cooper é um actor que, em absoluto, não se parece actor. Todo mundo gosta delle, si bem que ninguem o conheça e, a não ser que eu esteja enganada, jámais conhecerão.

O caçador de diamantes

(FIM)

D. Ruy, que não cessou de odiar a D. Luiz, vê a situação e resolve aproveital-a para se vingar. Obtida por um cumplice uma pepita, elle convence ao fidalgo da proximidade do ouro, e logo é despachada uma expedição que, sob as indicações do bandoleiro, se dirige ao acampamento dos indios, prevenidos dos propositos de D. Luiz a seu respeito.

D. Fernando seguindo como D. Luiz, a direcção do poente, vem a encontrar-se com a gente deste. Quando os dois rivaes se defrontam, D. Luiz julga que D. Fernando ali veiu para liquidar as velhas contas. Depressa as laminas fendem o ar, num combate singular que teria tragico epilogo se não fôra interrompel-o um mensageiro que chega a esvair-se em sangue, com a noticia de que, por traição de D. Ruy, toda a expedição foi dizimada e que os indios não tardam a chegar para atacar os que restam.

Nobre como sempre fôra, D. Fernando resolve incorporar-se á gente de D. Luiz, para a defesa commum. A resistencia porém será inutil, o proprio Imbú aconselha a rendição.

Os brancos são levados á presença dos chefes indios, que os condemnam á morte, mas por meio de um habil estratagema, Imbú consegue subtrahir os dois fidalgos á sorte que os espera, muito embora para isso tenha que consentir no sacrificio de D. Ruy, assim justamente castigado de sua perfidia.

Livres, graças ao escravo Imbú, que ainda dá ao seu protector a sua desejada fortuna, os dois jovens terão agora que decidir por si proprios, o seu destino. E Luiz resolve deixar que Maria seja feliz com Fernando. Elle porém, em cuja alma não esfriou o espirito da aventura, seguirá avante, sempre avante, cumprindo sua obra de civilização, ao encontro da gloria ou, pelo menos, de uma morte gloriosa...

O que Hollywood me tirou

(*Continuação do numero de* 15 - 12 - 1933)

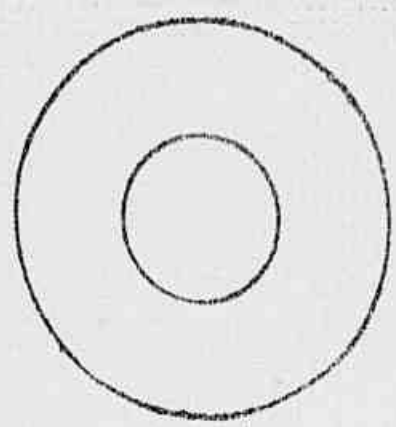
Essa dolorosa certeza deixou-me fria. Na noite seguinte, meu marido veio buscar-me á porta dos fundos de automovel. Fugiamos sempre de carro. Certa occasião, ao entrar no automovel, bati com a cabeça no alto da portinhola e perdi os sentidos. Juntou logo muito povo.

— Está bebeda, guinchou uma mulher. Logo vi! São umas descaradas!

— Olhem para a pintura della, observou outra, com finura. Como esta gente se besunta! Parece uma porta de tinturaria!

E a gente nem se póde explicar. As pessoas aqui, mais do que em qualquer outra parte do mundo, têm o costume de interpretar mal o que se diz ou o que se faz. E' de estarrecer o modo como se deturpam as coisas em Hollywood!

A's vezes, fico furiosa commigo propria por me aborrecer com certos factos e leval-os muito a serio. A verdade, porém, é que em Hollywood não ha amigos, amigos sinceros. Existe muita competição.

A grande coisa, a maior descoberta da minha vida, é esta convicção: Hollywood pode me matar, mas tenho ainda George Barnes, meu marido!

Um traço de distinção inconfundivel

PÓ DE ARROZ **NOVELLY**

De Roger Cheramy

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
EDUCA • ENSINA • DISTRAHE
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos doze livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
Contos da Mãe Preta, de Oswaldo Orico - No Mundo dos Bichos, de Carlos Manhães - Réco-Réco, Bolão e Azeitona, de Luiz Sá - Chiquinho d' O Tico-Tico, de Carlos Manhães - Quando o Céo se enche de Balões..., de Leonor Posada - Historias Maravilhosas, de Humberto de Campos - Minha Bábá, de J. Carlos - Zé Macaco e Faustina, de Alfredo Storni - Pandaréco, Parachoque e Viralata, de Max Yantok - Papae, de Joracy Camargo - Historias de Pae João, de Oswaldo Orico - Vôvô d' O Tico-Tico, de Carlos Manhães.
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d' O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
CADA VOLUME 5$
Pedidos á BIBLIOTHECA INFANTIL D'O TICO-TICO
RUA SACHET, 34 — RIO DE JANEIRO
Pandareco, Parachoque e Viralata
Papae
Historias de Pae João
Vôvô d'O Tico-Tico
Minha Bábá
Historias Maravilhosas
Quando o Céo se enche de Balões
Chiquinho d'O Tico-Tico
Réco-Réco, Bolão e Azeitona
No Mundo dos Bichos
Contos da Mãe Preta